

Sérgio Mattos
Um Perfil do Jornalista

Jamile Teixeira

Sérgio Mattos
Um Perfil do Jornalista

Cachoeira – Bahia- 2010

E-mail: jamilect@gmail.com

Twitter: [@jamilect@twitter.com](https://twitter.com/jamilect)

Pesquisa, Texto e Edição: Jamile Teixeira

Revisão: Rachel Neuberger

Projeto gráfico e editoração: Renato Luz e Jamile Teixeira

Capa: Renato Luz

Teixeira, Jamile

Sérgio Mattos: Um perfil do Jornalista/ Jamile Teixeira-
Cachoeira, 2010 (Projeto Experimental de Conclusão de
Curso de Jornalismo da Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia – UFRB).

Com amor, dedico à minha mãe,
em agradecimento à dedicação
durante todos os momentos e com
admiração, a Sérgio Mattos, pela
grandiosa contribuição para a
área do Jornalismo.

Agradecimentos

A Sérgio Mattos pela colaboração como o meu trabalho e por ter me permitido conhecer quem é o jornalista Sérgio Mattos.

Agradeço a serenidade e paciência da professora orientadora Rachel Neuberger, que me deu todo apoio e orientação nos momentos de insegurança e incerteza.

À Universidade Federal do Recôncavo da Bahia por possibilitar o contato com o conhecimento acadêmico.

A todos os professores que foram fundamentais na minha formação acadêmica.

Aos colegas que convivi durante quatro anos em harmonia e que me proporcionaram muitos momentos felizes.

A Renato Luz que me auxiliou na finalização gráfica e me incentivou para a concretização deste trabalho.

À minha família que sempre acolheu com carinho.

A Saulo pelo afago e dedicação.

Aos meus amigos que souberam manter o carinho mesmo quando a distância nos separava.

Principalmente agradeço a Deus, que me permitiu a resignação para concluir o curso diante de tantas dificuldades.

Sumário

PREFÁCIO – Robério Marcelo Ribeiro.....	09
INTRODUÇÃO	11
RUMO AO JORNALISMO	15
O TEMPO E A PROFISSÃO	27
DE ALUNO A PROFESSOR CONCEITUADO.....	53
A ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DA TV BRASILEIRA.....	71
REFERÊNCIAS	75
SOBRE A AUTORA	79

PREFÁCIO

Robério Marcelo R. Ribeiro

(Coordenador do Curso de Jornalismo da UFRB)

Narrar, descrever, contar o papel dos indivíduos e inserindo-os no contexto social de seu tempo é um atributo do talento dos novos jornalistas e dois tempos que vivemos.

Os textos dos perfis biográficos nos ensinam e ajudam na compreensão do passado, onde uma história sem nomes e rostos é uma enumeração de dados. Agora, a história real das pessoas é capaz de nos comover, pois no final das contas, elas serão sempre as principais protagonistas do enredo. Neste trabalho que a Jamile Teixeira nos apresenta está a confirmação de um destes grandes momentos da produção acadêmica da universidade brasileira: uma história de vida que já era devida de muito tempo à sociedade baiana – a trajetória de Sérgio Augusto Soares Mattos.

Com muita argúcia e sensibilidade, Jamile, nas páginas deste trabalho, apresenta- nos uma figura ímpar do jornalismo, como profissional e professor, do talentoso e inspirado poeta, do historiador e escritor de múltiplos assuntos, do cidadão nascido no Ceará, mas com tantas e merecidas cidadanias baianas.

Assim, a maior recompensa que podemos receber é o necessário para conquistar o sucesso na vida. E é este o propósito muito bem apresentado por Jamile.

Introdução

Para quem tem sede de produção e publicação, Sérgio Augusto Soares Mattos escolheu a profissão certa: jornalista. Mas ele não se dedicou apenas ao Jornalismo, Sérgio é também poeta, compositor, escritor de outros gêneros textuais, acadêmico, professor e desenvolve outras tantas atividades. Para conhecer Sérgio Mattos, é necessário observar suas diversas facetas e assim conseguir compreender sua pluralidade.

A contribuição de Sérgio Mattos para a sociedade não foi apenas na área da Comunicação. Toda a sua obra é marcada pela simplicidade e singeleza, seja sua obra poética, literária ou sua riqueza comunicacional. Tudo foi feito com muita pesquisa e dedicação, atingindo sempre os leitores com a presença da clareza em seus textos.

Tive o prazer de conhecê-lo na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), mais precisamente no Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL) localizado na cidade de Cachoeira-BA. Sérgio costumava visitar Cachoeira em sua juventude. Ainda hoje é uma cidade que lhe desperta afeição. Quando passou no concurso para docente ficou feliz em retomar sua estreita relação com a cidade na qual um dia deseja constituir o seu memorial.

Sérgio Mattos sempre foi destaque entre os professores na UFRB, seja pelo extenso currículo, ou pela sua graciosidade em sortear suas obras-primas em sala de aula. Distribuía livros de diversos gêneros; novelas, poesias, acadêmicos, biográficos. Todos os livros eram esperados ansiosamente pelos alunos que ficavam na expectativa de ser o seu nome escrito no papelzinho

sorteado do dia. Já no final do semestre, eu não tinha ainda sido sorteada, Sérgio então me doou *Amadeu, um bandido nordestino*, um livrinho de bolso do gênero novela que relata a história de vida de menino que foi educado para ser cínico, dissimulado e aproveitador. A história é narrada em três fases: o menino, ainda aprendiz; o adolescente dedicado ao banditismo e o adulto bem-sucedido através de suas armações, uma crítica à sociedade que permite a existência da impunidade. Foi o primeiro livro de Sérgio Mattos eu tive acesso. Logo, os livros acadêmicos escritos por chegaram a nossa ainda tão reduzida biblioteca. Para nós, aqueles livros eram uma fatura sobre mídia, televisão e ética. Daí para frente, tenho lido muitas obras escritas ou organizadas por Sérgio Mattos.

Ele desenvolveu, ao longo de sua trajetória, pesquisas de grande importância na área da comunicação. Fez uma análise sistemática sobre o desenvolvimento da televisão como meio de comunicação de massa, dentre muitas outras pesquisas de relevância para o Jornalismo. Esse aspecto do envolvimento de Sérgio Mattos com a Comunicação, foi preponderante para escolhê-lo como personagem deste perfil.

Sérgio Mattos tem muitos aspectos para serem abordados em um livro-reportagem. Proponho-me neste trabalho a fazer um perfil jornalístico deste homem multifacetado, já que um perfil permite ao autor abordar um momento, uma faceta, uma parte do personagem. É importante salientar que é impossível falar do jornalista Sérgio Mattos, sem que isso implique em suas particularidades. Para tanto, como autora, não poderei fugir de deixar fixadas aqui suas ideias, conhecimentos, escolhas como jornalista e também como ser humano. Ainda assim, sei que não darei conta de tudo da vida de Sérgio Mattos ligado ao jornalismo, mas arriscarei, acreditando que nem mesmo uma biografia seria completa, diante de uma vida tão “abarrotada” de realizações.

Este trabalho é baseado em leituras e análises das obras do jornalista Sérgio Mattos e também em entrevistas cedidas pelo mesmo. Outras fontes também foram utilizadas para a concretização de todo o material, como pesquisa em sites e arquivos.

O objetivo principal é destacar a importância de se documentar a história profissional de autores que contribuem com a área de pesquisa da Comunicação. Sérgio Mattos é, sem dúvida, um dos maiores autores da área, pois é um homem que não

descansa; ele dedicou sua vida ao trabalho. É um nome que precisa ser lembrado para que os estudantes de Jornalismo sigam seu exemplo de dedicação, coragem, determinação, para assim também contribuïrem para um Jornalismo mais ético e mais preocupado com as questões sociais. Sérgio soube utilizar-se dos veículos nos quais trabalhou para divulgar suas pesquisas tecendo concepções sobre temas políticos, sociais, econômicos e culturais.

Sérgio Mattos acredita que jornalista tem um grande compromisso com a informação, é ele que faz a mediação entre o fato e o consumidor de notícias, o cidadão. Por isso, a importância da boa formação dos profissionais. Sérgio teve esta boa formação, seja na Universidade ou nos veículos de comunicação de massa em que trabalhou. Afinal, sempre esteve preocupado com o desenvolvimento do jornalismo.

A leitura e análise do conjunto das obras de Sérgio Mattos são enriquecedoras para a formação dos jornalistas, e não só para estes. Seus textos literários, sejam poemas ou prosas, engrandecem culturalmente todos aqueles leitores que se debruçam em sua ficção. Muitos poemas de Sérgio permeiam o espaço jornalístico, seja pela simplicidade das palavras que buscam atingir a todos, seja pela objetividade tão característica do jornalismo, que nos poemas aparecem entrelaçadas à subjetividade necessária à Literatura.

Gozei de intenso aprendizado sobre o jornalismo quando mergulhei nas pesquisas sobre a vida jornalística de Sérgio Mattos. Nestes estudos, pude entrever as concepções que o jornalista tem e teve sobre sua área profissional. Permitir-me debruçar no jornalismo de uma maneira nunca antes vivenciada, a partir de um personagem, que é responsável por parte da produção intelectual na área da Comunicação Social, foi um imenso prazer.

É sobre este rico universo que eu convido vocês leitores, interessados pela área do jornalismo, ou não, a conhecer um pouco a riqueza comunicacional de Sérgio Mattos. Esta obra é para qualquer leitor que tenha interesse em conhecer a vida profissional e por que não dizer pessoal, de alguém extraordinário, e, acima de tudo, apaixonado pelo conhecimento e a informação.

Rumo ao Jornalismo

Estandarte
Que os poetas
Façam a Revolução da Canção,
Que usem as flores, as palavras
E os poemas como armas
Da libertação.
Que os poetas cantem
O amor, liberdade
E usem a verdade
Como estandarte
Na luta contra a alienação
(Sérgio Mattos, 1979)

Como surge um grande jornalista? Seria fácil responder a esta pergunta se existisse uma receita pronta. A tentativa, aqui, é descobrir como surgiu um grande jornalista. O jornalista Sérgio Mattos.

Sérgio Augusto Soares Mattos nasceu na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, em 1º de julho de 1948, numa família de classe média alta. Seus pais eram José de Castro Mattos, considerado um dos melhores vendedores da IBM (*International Business Machines*), empresa multinacional americana da área da informática que tinha sua filial no Brasil e sua mãe se chamava Maria Helena Soares Mattos, uma dona de casa que se dedicava a cuidar dos filhos e do marido. Sérgio é o filho mais velho dos sete que o casal teve.

Na Aldeota, bairro em que moravam Sérgio e sua família, localizado na Zona Norte da cidade de Fortaleza. Sérgio, com apenas sete anos, já manifestava sua criatividade. No bairro, que na época era símbolo de status social, a faceta comerciante do garoto se destacava. No quintal da sua casa, ele cultivava plantas e flores, também criava patos, pássaros e preás. Logo, teve a brilhante ideia de sair escondido da mãe. Ia

até a feira com seus produtos, para vendê-los. Mas uma vizinha estraga o comércio do garoto, contando as peripécias de Sérgio a dona Maria Helena, que o proíbe de vender suas criações.

Não houve uma influência direta na sua escolha para o jornalismo. Talvez uma tendência natural em investigar, averiguar, um desejo inquieto em saber sobre as coisas. Esse desejo sempre esteve presente. No bairro da Aldeota tinha um cinema de bairro chamado Cine Ventura, que para a felicidade de Sérgio, ficava ao lado do Instituto Christus, colégio em que ele estudava. Garoto esperto e curioso, antes de entrar na escola caminhava até os fundos do cinema e procurava no lixo pedacinhos de filme. Assim, Sérgio, ao chegar em casa, pegou uma caixa de papelão, com dois pequenos furos, utilizou uma lâmpada adaptada como lente e uma lanterna comum, conseguiu, montar um pequeno transmissor de imagens através do qual transmitia as imagens dos pedaços de filmes recolhidas da lixeira do Cine Ventura. Assim, ele montou um cineminha para seus amiguinhos que sentavam-se e assistiam à produção artesanalmente feita por Sérgio.

José, pai de Sérgio, foi transferido para a cidade de Recife, em Pernambuco, no ano de 1958. Em Recife, a família morou na Encruzilhada, bairro em que Sérgio brincava muito de jogo de botão. Os botões eram feitos criativamente pelos garotos da rua com chifres de boi. No período do São João, a rua em que Sérgio morava recebia uma quermesse para a comemoração da festa junina. O garoto Sérgio pediu ao seu pai que lhe comprasse uma barraquinha para que ele vendesse fogos. José fez a vontade do seu filho mais velho que aparentava que seria negociante, assim como o pai. Sérgio vendeu muito fogos naquele São João. A família Mattos não permanece por muito tempo em Recife, pois uma nova transferência de José muda o destino de Sérgio e de toda a sua família. Salvador é o destino alcançado em 1959.

Salvador foi a cidade que acolheu Sérgio Mattos durante quase toda a sua vida. Ao chegarem à Bahia, os Mattos, ainda sem uma morada definida, se instalaram no Hotel da Bahia, um tradicional hotel localizado no bairro do Campo Grande, em Salvador. Lá, a família permaneceu durante dois meses. Tempo suficiente para que encontrassem um apartamento no Rio Vermelho defronte à praia. Era a primeira vez que Sérgio Mattos iria morar em um apartamento. No Ceará e em Pernambuco, a família Mattos morou em casas. O suposto pouco espaço foi muito bem recompensado com

aquela praia maravilhosa que funcionava como o *playground* dos garotos que curtiam ainda a infância. Os três filhos mais velhos de José e Maria Helena passavam todas as tardes brincando na praia. Quando Maria Helena, a mãe de Sérgio, queria que eles voltassem para casa, ela estendia uma toalha na varanda do apartamento para que os meninos avistassem e voltassem para casa, pois já estaria no horário de voltar, e eles sempre obedeciam aos sinais da mãe. Naquela época, astear uma toalha na janela em sinal de algo era muito comum aos moradores próximos à praia. Uma comunicação rápida e eficiente para uma época em que não existiam aparelhos celulares. Maria Helena confiava muito em seus filhos, mas na realidade não sabia o que as crianças aprontavam na praia. Muitas vezes, Sérgio junto aos amigos e irmãos aprontou suas peripécias. O grupo de amigos gostava muito de uma brincadeira bastante perigosa conhecida por eles como “dar um fora”. A diversão consistia em nadar até depois da enseada do Rio Vermelho, local de mar aberto, em que passavam correntes marítimas, para de lá avistarem o farol da Barra e o farol de Itapoan. Toda a meninada ia junta nadando, ou em boias. Certa vez, levou sua irmã Maria da Penha, com apenas dois anos de idade. Sérgio, hoje, sente um frio na barriga ao lembrar-se das aventuras que poderiam ter graves consequências, mas que não passaram de boas diversões de infância.

Já na adolescência, Sérgio se engaja em grupos de teatro no bairro em que morava. Os grupos organizavam peças e se apresentavam na escola Medalha Milagrosa, que ficava localizada no bairro do Rio Vermelho. Parte da vizinhança comparecia às apresentações de seus filhos, parentes e amigos. Esses momentos eram de grande interação social entre os moradores do bairro e permitiam a Sérgio manifestar parte de sua comunicação artística.

Em Salvador, Sérgio desenvolve grande interesse pela leitura. Os autores dos romances e poesias que desde muito cedo habitavam a imaginação de Sérgio, talvez possam ter sido os propulsores da sua escolha pelo Jornalismo. Sérgio lia obras de Fernando Sabino, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade e tantos outros escritores que tinham um pé no Jornalismo. Todos os romancistas e poetas admirados por Sérgio haviam atuado como jornalistas. Sérgio, então percebeu que poderia aliar esse conjunto de gêneros textuais. Ser jornalista, escritor e poeta torna-se, na vida do rapaz, uma coisa só. A semente do Jornalismo brota de forma muito natural. Os primeiros indícios podem ser notados quando Sérgio ainda fazia o ginásio no Seminário

Central da Bahia, um seminário voltado para formação de padres. Sérgio não pretendia se tornar padre, estava lá para estudar. Ao deixar o Seminário Central da Bahia ele foi estudar no Ginásio São Bento, onde concluiu o ginásio. Lá, Sérgio, como responsável pelo jornal mural do ginásio, realizou sua primeira experiência produzindo notícias. Esse foi o marco inicial do Jornalismo em sua vida. Nos primeiros anos da década de 1960, quando Sérgio ainda estava no Seminário, o Arcebispo Primaz do Brasil, Dom Augusto Alvaro da Silva, o Cardeal da Silva, fez proibições quanto à leitura do jornal A Tarde pelos seminaristas, com a justificativa de ser um jornal pecaminoso. Aquela proibição causou no adolescente Sérgio grande curiosidade para desfrutar do conteúdo interdito de leitura. Para saciar a curiosidade de Sérgio e de tantos outros garotos famintos pelo desfrute do objeto proibido, os seminaristas mais velhos, que saiam do internato, quando retornavam traziam consigo exemplares escondidos daquele jornal, que mesmo proibido, era visitado por quase todos os pares de olhos que estavam internados naquele seminário. Qual a sensação de ver aquelas matérias proibidas? Sérgio parecia seduzido por aquele tipo de leitura.

Ninguém na família também o influenciou a enveredar pelos caminhos do jornalismo. Nenhum parente foi jornalista. Havia padre, escritor, vendedor. Seu avô até possuía uma carteira de jornalista, mas atuava apenas como colaborador. Naquele período não era difícil encontrar homens com carteira de jornalista sem que eles exercessem o Jornalismo como profissão. A família desejava mesmo que ele seguisse a tradição dos homens da família Mattos. Trabalhar na IBM. Para aqueles que acreditam em predestinação, Sérgio parece mesmo ter tido seu destino traçado desde o início.

Aos catorze anos, Sérgio saiu do seminário e foi estudar no Ginásio São Bento. O adolescente que vivia pelas praias do Rio Vermelho desde que viera morar em Salvador, foi submetido a algumas responsabilidades que diminuíram seu tempo de diversão. José, pai de Sérgio, conseguiu-lhe um emprego de vendedor de artigos da indústria têxtil. Sérgio passou a trabalhar num turno e ir para a escola no outro. Esse emprego rendeu muito dinheiro para um garoto que ainda atravessava a adolescência. Sérgio fazia vendas e ganhava uma porcentagem de dois por cento sobre a venda. O primeiro um por cento era recebido no mês em que o pedido era feito, e o outro quando o cliente pagava a compra. No Rio Vermelho, funcionava um daqueles armazéns que vendem de tudo, ficava numa esquina atendendo às necessidades de toda a vizinhança. Sérgio manteve, por algum tempo, uma conta neste armazém. Sua dívida ao final do

mês, era maior que a dívida de muitas famílias que lá faziam compras. O garoto fazia questão de pagar lanches e refrigerantes para todos os amigos. Neste período, Sérgio ainda não podia dirigir, então fretava um táxi que o levava para todos os lugares durante a semana. O taxista recebia, pelo seu trabalho, uma parte generosa do dinheiro que Sérgio ganhava no mês. O alto recebimento aliado à vaidade presente no garoto, que era muito adiantado no conteúdo escolar por ter estudado no seminário que tinha o ensino mais rigoroso, fez com que Sérgio aprontasse mais uma de suas aventuras. José deixava Sérgio na esquina do Ginásio São Bento, para que ele entrasse e assistisse as aulas. O alcance à grande quantidade de dinheiro fazia com que o garoto tivesse ainda mais vontade de trabalhar, então Sérgio, que vestia calças azuis, a camisa da farda e levava consigo uma pasta com livros, passou a levar um paletó, uma camisa branca e uma gravata no lugar que era reservado para seus livros na pasta. Ao invés de entrar no colégio, Sérgio adentrava a igreja e escondido caminhava até um confessionário que lhe servia de cabine para a troca de roupas. E, em vez de assistir as aulas, ele ia trabalhar. Ganhou muito dinheiro naquele período, mas sofreu as consequências do descaso que teve com os estudos. Sérgio perdeu a quarta série do ginásio por falta. José o tirou do trabalho por acreditar que o filho deveria se dedicar mais aos estudos.

Também no Ginásio de São Bento, Sérgio se engajou na produção do jornal mural. Naquele período, ele teve muito contato com a literatura comunista e socialista. Leu *O Manifesto do Partido Comunista*, as cartilhas destinadas aos trabalhadores e outros títulos que abordavam o tema. Ao elaborar os textos para compor o jornal mural, a influência dessas leituras puderam ser visualizadas e muitos dos textos de Sérgio Mattos foram considerados subversivos e censurados. O padre procurou José e disse-lhe que seu filho não poderia mais frequentar o colégio. Foi o primeiro caso de censura enfrentado pelo ainda garoto que tentava fazer Jornalismo. Sérgio, devido a essa expulsão, teve que concluir a quarta série ginásial, que já estava repetindo, no ginásio do colégio Ipiranga, um colégio que, na época, era caracterizado pela falta de qualidade no ensino, mais conhecido popularmente como "pagou, passou".

Em 1965, a mãe de um colega de Sérgio da época do seminário, trabalhava como funcionária pública na função de servente no colégio Manoel Devoto. Como ela conhecia outros funcionários do Colégio da Bahia, conhecido como Central, ela consegue uma matrícula para Sérgio, que fez todo o curso colegial neste colégio.

Estudando no colégio Central, José consegue um outro trabalho para Sérgio, que dava sinais de que seguiria os passos dos homens da família Mattos. Sérgio tinha dois tios influentes na IBM, um era presidente da IBM do Brasil, Geraldo de Castro Mattos, e o outro, presidente da IBM para o Norte e Nordeste, Alípio de Castro Mattos; e o próprio José, pai de Sérgio, chegou a ser considerado um dos melhores vendedores da IBM no mundo, batendo recordes de vendas no país. Então, a esperança era de que a próxima geração dos Mattos ocupasse os cargos que eram de seus pais e tios na multinacional.

Não houve, portanto, uma influência direta para que Sérgio fizesse carreira jornalística, mas em variados momentos é perceptível que ele foi persuadido pelos encantos do Jornalismo. O interesse de fato pela área surge quando começa a elaborar o jornal mural no Ginásio São Bento. Escrever e publicar notícias tornou-se uma grande paixão.

As experiências de Sérgio Mattos, como jornalista amador foram muitas. Uma experiência excêntrica aconteceu quando Sérgio morava no Rio Vermelho e andava com um grupo de amigos que se reuniam para conversar, se divertir e fazer festas. O mesmo grupo criou o que pode ser considerado o primeiro jornal de bairro de Salvador, que se chamava Jornal do Rio Vermelho. Sérgio publicava alguns textos no jornalzinho, que foi seguido como exemplo, posteriormente, por outros grupos em variados bairros da cidade. Entre o grupinho de amigos, em que Sérgio era mais um, tinha um rapaz, Roque, que havia feito um curso de Rádio-técnico à distância por correspondência. O rapazinho, esperto, conseguiu montar uma rádio para atender às necessidades do grupo, que desejava se comunicar com maior facilidade, já que o Rio Vermelho era um bairro extenso. Uma rádio era a solução para a comunicação rápida e eficaz. A rádio conseguia transmitir até um quilômetro de distância, e funcionava justamente no jornal da Hora do Brasil, às sete horas da noite.

A comunicação facilitou bastante a vida dos garotos que podiam marcar encontros, jogos, partidas de futebol e festinhas regadas com música ao vivo. Alguns músicos que vieram a fazer sucesso na música baiana e brasileira surgiram daquele conjunto de amigos. Um deles é Antônio Carlos, conhecido compositor baiano que fez a música "Você Abusou". Outro músico que fez sucesso local foi Toninho Lacerda, irmão

do pianista e maestro Carlos Lacerda. Nas festinhas, Sérgio se divertia bastante, conversava, dançava e namorava. Ele curtiu muito aquela fase de adolescente.

A rádio, que servia para divulgar as atividades do pessoal, era piratíssima e logo foi fechada. Sérgio e todo o Brasil viviam o regime militar no período. O sistema de segurança da segunda sessão do exército descobriu o funcionamento da rádio, tirou-a do ar e por pouco não levou aquele bando de garotos presos. Os rapazes eram todos filhos de pessoas influentes na sociedade soteropolitana. Mesmo tendo prestígio social, os garotos foram proibidos de colocar novamente a rádio no ar.

Aos quinze, dezesseis anos, Sérgio colaborou com o jornal católico A Semana, um jornal da Arquidiocese, que saía aos domingos, sendo vendidos nas portas de igrejas aos fiéis católicos. O jornal possuía dois cadernos de quatro páginas, circulando com um total de oito páginas, com o formato um pouco maior que o tamanho tablóide, chamado de berliner. Sérgio colaborava inicialmente de forma esporádica. Essa colaboração com o jornal A Semana veio muito a propósito, quando houve uma transformação do jornal, que tinha caráter amador, transformando-se em um jornal mais profissional, mais noticioso, com a contratação do jornalista Germano Machado. Sérgio ganhou uma coluna, na qual deixava seus escritos. A coluna era de assuntos estudantis, mas Sérgio também tinha espaço no jornal para publicar sua arte literária. Suas crônicas e poesias também fizeram parte, muitas vezes, do conteúdo de A Semana.

A Semana funcionou, naqueles tempos, como um elo na relação de Sérgio Mattos com o Jornalismo. Todos os sábados, Sérgio saía de casa em direção à redação de A Semana, e lá ficava todo o dia numa verdadeira rotina jornalística. Na redação, os colaboradores do jornal faziam as últimas revisões, concluíam matérias, notas e tapavam todos os buracos que faltavam ser preenchidos. Sérgio passava por praticamente todos os processos da confecção do jornal, até mesmo dobrando página por página, utilizando como ferramenta uma espátula e posteriormente encartando um caderno dentro do outro, dando formato ao jornal. Ele não ganhava nada além da experiência. Trabalhava apenas como colaborador.

As igrejas, atualmente, dominam parte da imprensa brasileira. O poder que um veículo de comunicação tem na divulgação de ideologias causou ambições nas diversas igrejas em possuir um ou mais veículos de comunicação para propagarem a sua

imagem, as suas doutrinas e conquistarem mais fiéis. Esses eram os objetivos de A Semana.

Em 1973, Sérgio, já como jornalista profissional e formado, publica um artigo no suplemento Jornal de Utilidades do jornal A Tarde sobre a imprensa católica:

No Brasil, país em fase de desenvolvimento e de muitos analfabetos ou semi-analfabetos, sem condições para ler um jornal ou revista, o rádio representa ainda o mais poderoso meio de comunicação social. Por isto, a Igreja se preocupa em divulgar seus ensinamentos através do rádio, mas é necessário não descuidar dos jornais que possui, pois a mensagem pelo rádio às vezes não é captada em seu todo, ao passo que uma mensagem impressa atinge com mais profundidade, porque possibilita o leitor reler a notícia, tantas vezes quantas sejam necessárias, para melhor entender a mensagem. [...] Sua pretensão [da igreja Católica] vai mais longe, pois o rádio não homogeneiza, não fixa a mensagem. Daí a necessidade de acompanhar o progresso, entrando no campo da informação, através da qualidade da imagem e do som, na televisão, ao tempo em que aperfeiçoa seus jornais impressos, aumentando a quantidade de títulos e de exemplares (MATTOS, 2009, p. 65-66).

Ao analisar o texto de Sérgio, é importante contextualizar o período em que foi escrito. Na década de 1970, a religião Católica era predominante. As religiões protestantes não possuíam a grande influência que possuem hoje, inclusive ainda não tinham em seu poder a propriedade de veículos comunicacionais impressos, radiofônicos e televisivos. A religião Protestante percebeu a importância da comunicação na conquista e manutenção de fiéis. Talvez se a igreja Católica tivesse investido mais na aquisição de veículos comunicacionais, principalmente televisivos, poderiam ter aumentado seu número de fiéis, como propôs Sérgio Mattos.

Na época em que Sérgio escreveu esse artigo, o jornal católico A Semana já vivia suas dificuldades. Já não contava com jornalistas profissionais, como era exigido às empresas de comunicação jornalísticas, e já não oferecia a modernidade gráfica e técnica aos seus leitores. Mas a igreja Católica ainda é muito influente nas cidades em que o rádio desempenha uma maior importância social, por ser o veículo local, já que a televisão está muito concentrada nos grandes municípios. As cidades interioranas estão cheias de programas católicos, que são ouvidos diariamente pelos fiéis.

A Semana proporcionou a Sérgio Mattos grandes experiências e aprendizados sobre jornalismo, ainda que fosse um jornalismo segmentado e direcionado a um público-alvo. Estudar jornalismo e trabalhar profissionalmente foi ainda mais enriquecedor.

O tempo e a profissão

Comunicação

a Quintino de Carvalho

*O mundo fatigado cai numa máquina de jornal
onde uma angústia permanente em busca da verdade
a todos cega: apenas a notícia existe.
Sinto, não vejo, violência, injustiças e explosões...*

*Triturar o sentimento é uma fórmula
– a comunicação mágica está no corpo
destroçado das manchetes!
(Sérgio Mattos – 1970)*

A escolha pela profissão de jornalista acontece de forma muito natural e consciente. Sérgio terminara o ensino médio no Colégio Central da Bahia e presta vestibular na Universidade Federal da Bahia - UFBA, tendo como sua primeira opção o jornalismo. O jornalismo naquele período não era uma profissão bem vista pela maioria da sociedade. Era ainda considerada como uma ocupação de boêmios devido ao comportamento do profissional do passado, rendia pouco dinheiro, era encarada por muitos como um bico. Qualquer um poderia ser jornalista, não era exigido o diploma, muito poucos eram aqueles que o possuíam. O jornalista era empresário e jornalista, ou era médico e jornalista, ou advogado e jornalista, etc. O jornalista, jornalista mesmo, era observado por parte da sociedade, como aquele que "morreria de fome" devido aos baixos salários. Mesmo assim, Sérgio escolhera esta profissão e passou no vestibular. Ele já tinha certa experiência na área, ainda que atuando como jornalista amador.

Sérgio sempre acreditou na importância do diploma para o exercício da profissão jornalística. Sérgio publica um artigo, já como jornalista formado, no jornal A Tarde em 22 de outubro de 1986 em defesa da obrigatoriedade do diploma.

Observe-se que foi através da exigência do diploma universitário (que implica sistematicamente na reserva de mercado) que a sociedade passou a contar com profissionais treinados para atuar em várias áreas, acabando com os charlatões. Foi através da regulamentação, constituição de colegiados e de ordens que, por exemplo, os rábulas e os curandeiros deixaram de atuar na área da Advocacia e da Medicina. Foi também depois da regulamentação profissional do jornalista que a categoria se fortaleceu, criando um espírito ético-profissional, onde não há lugar nem para o jornalismo boêmio de antigamente, nem para aqueles oportunistas que se utilizavam da atividade jornalística para beneficiar pessoas ou instituições em troca de favores pessoais (MATTOS, 2009 b, p.77-78).

Sérgio Mattos acreditava e ainda acredita que o diploma é fundamental ao jornalista porque a informação deve ser qualitativamente passada aos consumidores de notícia, porque uma população bem informada depende da formação qualificada dos profissionais da imprensa, alcançada a partir de curso universitário.

Sérgio estava ainda no curso de Jornalismo da Escola de Biblioteconomia e Comunicação da UFBA, quando surgiu a oportunidade de passar por uma seleção para integrar um jornal que ainda não existia. Na época, ele trabalhava na IBM, tinha um bom salário. Mas, a paixão pelo jornalismo tornou-se importante de tal forma, que, muito corajosamente, pede demissão da multinacional que o empregava e a muitos outros de sua família. Na família, aconteceu uma confusão, o jovem Sérgio estava causando desgostos aos pais e tios. O garoto parecia ter perdido o juízo ao deixar um emprego com um bom salário para ir trabalhar num jornal que ainda não existia e recebendo apenas uma “caixinha”, uma ajuda de custo para cobrir as despesas com o transporte para realizar o próprio trabalho durante o período de treinamento. A família fez uma espécie de reunião para discutir as atitudes do jovem jornalista. José, olhou para o filho e disse: "você está saindo, então, não vai ter ajuda de ninguém, faça o que você quer" e Sérgio, acreditando no futuro da sua carreira, diz para os pais: "É o que eu quero, eu vou" e foi. Largou tudo e foi estagiar, em 1968, em um jornal que muitos diziam ser um jornal fantasma, porque não estava ainda em circulação. O jornal no qual estagiava e que não circulava viria a ser a Tribuna da Bahia. O jornal era, na realidade,

uma escola onde se aprendia a fazer jornalismo na prática e era chamado de Escolinha Tribuna da Bahia. A escolinha funcionou até o lançamento do Jornal, em 21 de outubro de 1969. O lançamento do jornal foi retardado devido ao atraso na chegada e montagem do maquinário importado. A escolinha iniciou-se em um bairro chamado Comércio, localizado na região Cidade Baixa, em Salvador. O endereço definitivo tinha o prédio ainda em construção e ficava localizado na Djalma Dutra, uma rua localizada no bairro das Sete Portas. A transferência para o local definitivo não demorou muito.

A escolinha TB foi muito marcante no aprendizado de Sérgio. O responsável pela seleção e treinamento dos jovens era o redator-chefe Quintino de Carvalho. Para Sérgio Mattos, “Quintino era uma pessoa extremamente brilhante, uma pessoa brilhantíssima! Brilhante é pouco para ele.” Quintino foi convidado pelo empresário Elmano Castro para montar e dirigir o jornal Tribuna da Bahia quando, naquele tempo, trabalhava como assessor de imprensa do Banco do Estado da Bahia - Baneb, não mais existente, que fora privatizado no ano de 1999. Quintino aceita o cargo no jornal no ano de 1968, e passa a ser o condutor daquela oficina de capacitação para jornalistas. Jovens universitários chegavam para a seleção, Quintino os orientava para o trabalho jornalístico e aos poucos ia selecionando aqueles que julgava melhor para desempenhar as funções jornalísticas. Sérgio, ao largar o emprego na IBM, corria sério risco de nem mesmo ficar na Tribuna da Bahia, pois Quintinho ia reduzindo os grandes grupos que chegavam. Os jovens jornalistas produziam matérias e fotos, cobriam eventos, faziam tudo como se o jornal estivesse circulando. As matérias eram feitas, enviadas aos copidesques que tinham a função de uniformizar a linguagem e titular as matérias para, então, serem enviadas para a diagramação.

No entanto, o jornal TB não era impresso até a chegada das máquinas, que quando começaram a ser testadas, passou a imprimir os jornais com numeração zero e circulava internamente para ajustes e críticas. Esse material constituiu o acervo inicial da Tribuna. Quintino sempre soube liderar a equipe. Sérgio em entrevista fala sobre Quintino:

Era um líder nato, ele selecionou todos jovens, ele tinha em torno de quarenta anos de idade e todo mundo que ele selecionou estava na faixa de dezenove e vinte anos. Então, ele soube exercer a liderança, no sentido de que todos nós seguissemos princípios éticos rigorosos, e adotássemos normas de conduta no sentido de denunciar a picaretagem, de não aceitar jabá, de zelar realmente pela qualidade da informação. Quintino era uma pessoa também muito amável. Do

mesmo jeito que ele lhe elogiava, que ele lhe abraçava, que ele lhe destacava e dizia que você tinha feito uma boa matéria, ele também podia lhe esculhambar. Tem um caso que aconteceu com um colega nosso, que estava estagiando lá no jornal, na época em que já estava circulando. Ele escreveu uma matéria falando de um acidente que tinha envolvido um carro, que tinha atropelado um jumento, e o cara escreveu assim: “Um jumento não identificado foi atropelado e morreu ontem na altura da curva da jaqueira, não sei mais o que...” Quando Quintino viu aquela matéria, ele pegou a lauda na qual estava a matéria, com a identificação do nome do repórter e data em que havia sido feita, e fez o seguinte: com uma caneta vermelha ele circulou o trecho que falava do “jumento não identificado” e puxou uma seta até o nome do repórter e escreveu ao lado “Agora o jumento já está identificado” . Em seguida, ele colocou a lauda datilografada no mural da redação. Então, quer dizer, ele também tinha essas coisas, ele também jogava duro, entende! Ele não passava a mão, não amaciava. Se você fizesse uma merda ele ia lá e detonava e falava, todo mundo ouvia. Também quando você fazia um bom trabalho ele lhe botava lá em cima, lhe elogiava, dava espaço pra os jovens, ele abria espaço, ensinava. (Entrevista de áudio)

Quintino tinha suas singularidades, um homem que era dotado de grande percepção, inteligência, sensibilidade e faro jornalístico. Ele desenvolveu um tipo de manual de redação que deveria ser seguido por todos. As normas eram rigorosamente cumpridas pelos jornalistas que tinham como orientação do mestre esgotar os assuntos. As matérias eram grandes, repletas de informação.

Quintino não via com bons olhos os empregos de assessoria. Para dizer a verdade, ele não admitia que os jornalistas desempenhassem as funções de jornalista e de assessor ao mesmo tempo. Ele sustentava a ideia de que o jornalista tinha que ser *full time*, se dedicar ao jornal por todo o tempo. Os empregos de assessoria estavam e hoje, mais do que nunca, fervilhando. A assessoria ajudava ao jornalista pagar as contas no final do mês, seja ela desempenhada com dedicação exclusiva ou não. Sérgio não concorda com Quintino, mas naquela época se dedicou exclusivamente ao jornal Tribuna da Bahia. A assessoria de comunicação ou de imprensa é para ele um trabalho jornalístico. O jornalista pode desenvolver as duas funções contanto que elas não se misturem, ou seja, se você jornalista trabalha na assessoria de um jogador de futebol, não trabalhe no jornal na editoria de esporte, não faça assessoria do seu cliente no veículo em que trabalha. As assessorias eram bicos que os jornalistas faziam para aumentarem a sua renda, hoje, as assessorias pagam salários ainda melhores que os dos jornais.

Antigamente, uma emissora de rádio precisava do locutor, precisava do programador, precisava do cara do estúdio, do gravador, do não sei o que, operador, era muita gente para fazer uma transmissão. Hoje, um cara sozinho opera tudo. Nos jornais, também aconteceram inúmeras mudanças e cortes de funções, tais como as de revisor, diagramador, reescrevedor etc que desapareceram. As redações foram minguando, minguando, quer dizer, hoje você tem muito pouca gente trabalhando nos jornais, como também muitos jornais desapareceram. Hoje a tendência é você ter dois grandes jornais em cada Estado. É a tendência. Então você diz assim: poxa, mas as escolas de comunicação estão aí formando inúmeros jornalistas, e onde é que a gente vai trabalhar? Vai trabalhar exatamente como assessor de imprensa, prestando um serviço à comunidade. Vai trabalhar como assessor de imprensa de prefeitura, de político, de banda, de escritor, de um cantor, seja lá o que for. Existe campo e mercado para isso. Então, assessoria de imprensa, é mercado de trabalho para jornalista. (Sérgio em entrevista de áudio)

Sérgio trabalhou como assessor apenas uma vez. Foi assessor na Secretária da Agricultura do Estado da Bahia, durante o primeiro governo de Antônio Carlos Magalhães e parte do governo de Roberto Santos. Mas, para ele, foi uma experiência única e fantástica. Sérgio conta um pouco sobre a riqueza de experiência que teve ao trabalhar como assessor e relembra quando surge o tema da agricultura em sua vida profissional:

[...] eu fui assessor de Raimundo Fonseca, que é uma das pessoas mais sérias, mais competentes na área da agricultura que eu conheço, e meu interesse profissional pela agricultura começou nessa época. Mas, outro dia eu estava olhando alguns artigos que eu escrevi em A Semana, com dezesseis, dezessete anos, que eu falava sobre o Brasil celeiro de produção, sobre o cacau, sobre as coisas de produtos agrícolas brasileiros já naquela época. Eu não tenho familiares atuando na agricultura, como fazendeiro ou pecuarista. Não sou filho de fazendeiro, mas a agricultura e a pecuária, a produção agrícola sempre me estimularam. Então, anos depois, no jornal A Tarde, eu criei primeiro uma página agrícola, depois criei o caderno rural do jornal A Tarde... tudo em função de que? Do período que eu convivi na Secretaria da Agricultura, aprendendo a ver a agricultura por um outro lado com Raimundo Fonseca. Então, eu fui assessor de imprensa da Secretaria da Agricultura no período de 1972 a 1976. Deixei a Secretaria em 1976 porque fui aprovado em concurso público para a Universidade Federal da Bahia, onde eu já ensinava como colaborador. Como eu passei no concurso, não podia acumular dois empregos públicos: um federal e outro estadual. Aí tive que pedir demissão e assumir só minha profissão como professor na UFBA. (Sérgio em entrevista de áudio)

As empresas e entidades procuram assessorias quando desejam exercer certa influência sobre seu público, utilizando-se da imprensa. Milhares de notícias são enviadas aos veículos de comunicação todos os dias pelas assessorias de órgãos, empresas, entidades, famosos, etc. Mesmo assim, nem todas as notícias vão parar nos jornais facilmente. Os repórteres estão presentes nas redações para descobrirem aquelas notícias que não chegaram com facilidade através de uma assessoria. O importante mesmo é fazer com que o jornalista preze sua ética profissional desempenhando sua função jornalística ou de assessoria. Sérgio sempre procurou ser ético e Quintino de Carvalho o ajudou a formar esse ideal jornalístico.

Sérgio e muitos daqueles rapazes agradecem os ensinamentos de Quintino, que foi o responsável pela conhecida geração Tribuna da Bahia. Os jovens treinados por Quintino, os jovens repórteres que integravam a equipe, renovaram e agitaram o jornalismo que se fazia, na época, na Bahia. Sérgio Mattos fez parte desse grupo que fundou o jornal Tribuna da Bahia e tem muito orgulho dessa passagem da sua vida. Até hoje, guarda sua carteira de identificação, como recordação daqueles bons tempos em que se fazia um jornalismo mais objetivo e menos burocrático, ainda que a qualidade de formação do profissional jornalista tenha melhorado consideravelmente, nestes últimos anos. Sérgio se orgulha de ter feito parte do time que trouxe ao jornalismo baiano uma nova linguagem jornalística. Muitos foram os jovens que fizeram parte daquele time que fundou a Tribuna. Todos que passaram pela aquela fase inicial da TB tiveram sucesso profissional, mesmo aqueles que não prosseguiram na carreira jornalística.

[A] geração Tribuna da Bahia sob a orientação de Quintino de Carvalho acabou sendo uma geração boa, porque eu não conheço ninguém que tenha passado pelo jornal, que não fez uma boa carreira, que não é um bom profissional, que não teve destaque. Todos se destacaram até em outras profissões depois que saíram da Tribuna. José Sérgio Gabrielli, que é hoje presidente da Petrobrás, começou lá na Tribuna, como subeditor econômico, na mesma época que eu. Sérgio Amado que era Editor Internacionais é dono de uma das maiores agências de publicidade do Brasil. E por aí vai... Você encontra muita gente que passou pela TB. Alguns ficaram ricos, outros estão pobres, mas têm nome profissional reconhecido. Têm nome, têm posição e são respeitados profissionalmente. São reconhecidos na área, têm muitos livros publicados, mas não ficaram ricos. Outros ficaram ricos, mas o importante é que a geração, aquele grupo que passou pela Tribuna da Bahia no seu início, todos eclodiram e fizeram sucesso nas carreiras que deram sequência. (entrevista de áudio)

Sérgio organizou um livro intitulado *A Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia* em que ele próprio foi um dos entrevistados, e responde quem eram os colegas de profissão que fizeram parte dessa equipe fundadora da Tribuna:

Muitos foram os colegas que integravam a primeira equipe fundadora da Tribuna da Bahia. Tentarei lembrar todos os nomes, mas é possível que alguns fiquem de fora: Elmano Castro (diretor-proprietário), Milton Cayres de Brito (superintendente), Quintino de Carvalho (editor-chefe), Tácio Feitosa e Paulo Portela (publicidade), professor Luiz Henrique Dias Tavares (responsável pela implantação do arquivo). Na redação, além de Quintino tínhamos Misael Peixoto, jornalista experiente que já havia trabalhado no Jornal da Bahia e que exercia o papel de secretário gráfico responsável direto pelo projeto gráfico e a diagramação; Sérgio Gomes (subeditor), Osvaldo Gomes (secretário de redação). Eu comecei como repórter especial e, logo depois, assumi a chefia de reportagem. Foram também dessa época Paulo Sérgio Brandão, Antônio Mattos, Roberto Pessoa, Pancho Gomes, Cláudio Fonseca, Marcelo Cordeiro, Biza Junqueira Ayres, Edyala Yglesias, Jacinto Prisco, Felipe Jucá, Ruy Espinheira Filho, Alberto Baraúna, Tasso Franco, Pedro Formigli, Paolo Marconi, Rino Marconi, Lazaro Torres, Manoel Bonfim (fotógrafo ainda em atividade na TB), Ivan carvalho (escreve na TB até hoje), Sérgio Amado, Paulo Bicas, professor Saraiva (o nosso rádio-escuta), Marcos Rossini, Irani Rossini, Cláudio Fonseca, João Fontenele, Weliton Cerqueira, Maria Luiza Sá (colunista social), Sérgio Maciel, Edgar Teles, Albino Castro, Cidélia Argolo e outros. Alguns meses depois do lançamento, outras pessoas foram chegando e passando a integrar a equipe, como José Valverde, Almir Fonseca, Vera e Marcos Dantas (MATTOS, 2001, p.238).

Elmano Castro e Quintino queriam fazer um jornalismo moderno. Eles queriam competir com os jornais já conhecidos A Tarde, Jornal da Bahia, O Estado da Bahia e o Diário de Notícias. Para isso, buscaram o diferencial. A Tribuna da Bahia inovou em muitos aspectos. A capacitação profissional anterior à inauguração do jornal foi importante para que o jornal tivesse uma excelência de conteúdo. A TB foi o primeiro

jornal a ser impresso no sistema off-set do norte e nordeste do país, isso fazia com que o aspecto visual do jornal fosse o melhor da Bahia. Os projetos gráfico e editorial do jornal eram atrevidos se comparados com os outros jornais da época. Os textos eram extensos, densos, mas, ao mesmo tempo, ocupavam pouco espaço na página, devido ao tamanho da fonte e a organização gráfica. Eram utilizadas imagens grandes e coloridas.

A Tribuna surge em um momento em que estavam acontecendo grandes mudanças na política e no jornalismo brasileiro. Eram tempos de Ditadura Militar. Censura, repressão, violência e ameaças eram muito comuns nas redações de jornal. Esse período marcou Sérgio tão profundamente que ficou sendo o tema escolhido para sua tese de mestrado e doutorado em Austin, nos Estados Unidos. Sérgio passou durante a sua vida profissional e até mesmo antes dela, por casos lamentáveis de censura. Fez um poema em 1977, simples e pequeno, mas que conseguiu sintetizar o significado da censura:

Censura

Amor
Dança
Pensamento:
Amordaçamento

Em 1968, Sérgio Mattos estava na Escolinha da Tribuna da Bahia e concomitantemente colaborava ainda com o jornal A Semana. Naquele período de Ditadura Militar, Sérgio resolve fazer, para o jornal A Semana, uma entrevista com Dom Hélder Câmara que tinha vindo participar de uma concelebração na Catedral Basílica de Salvador. Dom Hélder Câmara, personalidade muito conhecida, estava passando por um momento de privação na vida pública: o regime militar o colocou sob censura, nem o nome dele podia ser citado pela mídia. Os militares não queriam que Dom Hélder estivesse em evidência. Todas as mídias eram proibidas de publicar notícias que envolvessem o nome daquele arcebispo que atuou de forma tão significativa a favor dos direitos humanos, durante o regime ditatorial brasileiro. Sérgio, muito ousado, atreveu-se a pedir a Dom Hélder uma entrevista. Dom Hélder já estava atrasado para sua viagem de volta, mas Sérgio oferece-lhe uma carona até o aeroporto. Dom Hélder aceita a carona e, ao longo do caminho, concede a entrevista. Um companheiro de Sérgio do jornal A Semana dirigia o carro, que era um fusca, Dom

Hélder, sentado ao lado do então motorista respondia as perguntas feitas por Sérgio que estava sentado no banco de trás do veículo. E lá foram os três no longo caminho que era do Terreiro de Jesus, localizado no centro histórico de Salvador, até o aeroporto que fica do outro lado da cidade. Entrevista feita, Sérgio escreve então a matéria que A Semana iria publicar como capa. Período de ditadura, 1968, grande crise política, A Semana publicaria a matéria com a seguinte manchete: “Dom Hélder não tem medo de crise e acha natural que o Brasil sofra abalos” (baseada numa frase que disse: “crise não me mete medo, crise é sinal de desenvolvimento”). O então chefe da polícia federal, coronel Luiz Artur Carvalho, proibiu a publicação do jornal que já estava pronto. Mas, Dom Eugênio Sales, que era na época o administrador do apostólico, faz uma proposta um tanto ameaçadora a Luiz Artur. Ou Luiz Artur liberava a circulação de A Semana, ou Dom Eugênio iria mandar ler o texto escrito por Sérgio no púlpito das igrejas no domingo em todas as missas. O jornal possuía uma tiragem relativamente pequena, de cinco mil exemplares, e a leitura da matéria nas Igrejas durante as missas do domingo teria muito mais impacto na sociedade baiana do que a liberação do jornal. E o jornal foi liberado. Esse acontecimento marcou o início da carreira de Sérgio como jornalista. Ali, surgiu o grande interesse pelos estudos sobre censura.

Enquanto trabalhava na escolinha TB, Sérgio se aventura ainda numa outra atividade, ou seja, passa a escrever matérias para uma revista. Ainda no primeiro ano, frequentando a Faculdade de Comunicação da UFBA, Sérgio foi convidado, juntamente com três colegas, a fazer parte da equipe de reportagem de uma revista mensal, de circulação dirigida, que tinha como público-alvo empresários, publicitários. A revista se chamava Liderança. Os quatro rapazes compunham a redação que era liderada pelo publicitário Hélio Teixeira de Freitas. Sérgio Mattos o via como um homem visionário. O trabalho na revista Liderança funcionou concomitantemente com a Escolinha TB. O regime de trabalho não era convencional. A equipe se juntava numa reunião de pauta e definia quais seriam as matérias da próxima edição. Os jovens jornalistas, que ainda estudavam, produziam as matérias e as entregavam numa reunião de fechamento da revista. Hélio pagava aos rapazes por produção. Hoje, é habitual em algumas empresas jornalísticas, o pagamento aos profissionais da área neste sistema por quantidade de produção. O caráter original de Hélio fazia com que ele, apesar de ganhar dinheiro com a revista, não pagasse aos rapazes nos prazos estabelecidos. A personalidade descrita por Sérgio de Hélio Teixeira de Freitas é no mínimo interessante:

Mas ele era assim, quando ele recebia dinheiro ele era rico. Aí ele viajava. Ele fretava um avião para Belo Horizonte e trazia a noiva para Salvador, pegava e se hospedava na suíte presidencial do Hotel da Bahia, gastava o dinheiro todo, na segunda-feira ele não tinha mais um tostão, tava pobre de novo. Era um visionário, um artista. (Entrevista de áudio)

Os excessos de Hélio, o atrapalhavam nas contas e os jovens jornalistas reivindicavam até que Hélio os pagasse. Sérgio sai da revista Liderança, ficando apenas no jornal Tribuna.

O jornal Tribuna da Bahia era para ter nascido, de fato, em 1968, porém um atraso na importação do maquinário fez com que o jornal só tivesse circulação mais de um ano após a criação da escolinha. O atraso na entrega das máquinas se deu por uma morosa greve dos estivadores, trabalhadores que carregam e arrumam cargas em portos, no porto de New York. O maquinário era importado. Com a chegada dos equipamentos, foram feitos alguns testes e, em outubro de 1969, houve o tão esperado lançamento do jornal Tribuna da Bahia.

A TB nascia em um período em que a profissão de jornalista passou a exigir o diploma universitário nas redações, a profissão passava, portanto, por um reconhecimento. O jornalismo estava sendo feito, em todo Brasil, com mais profissionalismo. As empresas jornalísticas estavam buscando as melhores notícias e, para isso, precisava contar com bons profissionais.

A Tribuna surgiu no período de ditadura militar, logo após o decreto do Ato Institucional número 5 (AI-5), ou seja, o jornal já saiu sem um editorial, o que para Sérgio significou que a Tribuna já demonstrou, com isso, que não seria um jornal de opinião, mas sim de informação. As orientações de Quintino de Carvalho aos seus repórteres era que se fizesse um jornalismo que prestasse serviço à população baiana. Os profissionais éticos trabalhavam, tendo em vista, desempenhar sua função social de jornalista comprometido com a verdade, para isso, buscavam alternativas para driblar a censura. Quando Sérgio assume o cargo de chefe de reportagem na Tribuna, passa a receber os famosos bilhetinhos da polícia federal, contendo os assuntos que a imprensa estava proibida de divulgar. A rotina dos jornalistas na redação da Tribuna tinha se modificado um pouco, pois eles não podiam fazer matérias sobre alguns temas

proibidos. Na época, apesar da imprensa baiana não ter sofrido censura prévia com censores instalados nas redações, a presença de censores era muito comum nas redações de jornais e revistas do sul do país. Alguns jornalistas faziam seus trabalhos da mesma forma e deixavam que os censores cortassem dos textos aquilo que não poderia ser divulgado, outros jornalistas acabavam por exercer a autocensura, deixando de produzir matérias com os fatos que eles sabiam que seriam retirados dos textos pelos censores. Havia certo medo de falar a verdade, o principal objeto de trabalho do jornalismo estava sendo violado. No geral, os jornais evitavam produzir sobre os assuntos proibidos pela polícia federal, pois a suspensão da circulação do jornal causava grandes prejuízos aos veículos. A censura no tempo da ditadura militar contribuiu para que muitos veículos de comunicação fechassem as suas portas.

Mas a censura no regime militar trouxe alguns aspectos positivos à imprensa baiana e brasileira. Houve, nesse momento, o aparecimento de uma imprensa alternativa, que, de certa forma, contribuiu com o desenvolvimento do jornalismo. A imprensa alternativa surge com o descontentamento em relação às mídias corporativas convencionais. A ditadura militar trouxe benefícios àquelas mídias que apoiavam o regime e suas ações, tendo em troca, empréstimos para desenvolver seu veículo, subvenções e até mesmo isenção de impostos.

Nesse período, Sérgio desperta seu olhar crítico pelo tema da censura e começou a fazer pesquisas na área. Em 1977, Sérgio Mattos já trabalhava no jornal A Tarde e o Brasil ainda vivia sob a ditadura militar. Ele defende a liberdade de imprensa em um artigo publicado no jornal A Tarde no dia 14 de janeiro:

[...] o benefício final para a sociedade está muito mais para manter a imprensa livre, mesmo que ela cometa enganos vez por outra, do que tentar mantê-la sob controle. A imprensa colocada a serviço do Estado, limitada em sua iniciativa, será uma imprensa sem o poder de fiscalização, uma imprensa que não poderá lutar contra a corrupção e pela prosperidade da nação. Uma imprensa livre, com as responsabilidades decorrentes dessa mesma liberdade, é essencial para preservar a unidade de qualquer país (MATTOS, 2009 b, p.51).

Sérgio deixa a Tribuna da Bahia após a morte de Quintino de Carvalho, aquele que foi o seu mestre no jornalismo prático. Em 1972, Sérgio Mattos, é convidado para ser editor de suplementos especiais no jornal A Tarde. O jornal A Tarde foi fundado na Bahia no

dia 15 de outubro de 1912 por Ernesto Simões Filho, conhecido jornalista e político nascido na cidade da Cachoeira. A constante evolução do jornal permitiu que ele fosse ganhando importância como veículo de comunicação de massa local. O jornal A Tarde é o mais antigo jornal diário ainda em circulação na Bahia, sendo considerado como um dos maiores jornais do Norte-Nordeste do Brasil.

O jornal logo estava passando por mudanças gráficas e editoriais quando Sérgio começou a trabalhar neste veículo. No ano de 1975, seria trocado o sistema de impressão letterpress para ser implantado o sistema offset, sistema este já conhecido por Sérgio quando trabalhava na Tribuna da Bahia. Neste período, o jornal A Tarde passou a se preocupar com sua imagem, contratando uma agência de publicidade para melhorar suas campanhas. Ainda na década de 1970, o jornal A Tarde transfere sua sede, que era na tradicional Praça Castro Alves, para o Caminho das Árvores, um bairro considerado nobre na cidade. A Tarde buscou passar a informação aos seus leitores de forma segmentada, direcionando o conteúdo em cadernos especializados para cada tipo de leitor. Sérgio, muito criativo, soube aproveitar esta característica do jornal enquanto lá permaneceu.

Enquanto esteve em A Tarde, Sérgio pode conviver com Jorge Calmon, um notável jornalista soteropolitano. Jorge Calmon foi professor emérito da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e um dos responsáveis pela criação do curso de Jornalismo na universidade. O curso de jornalismo foi criado na década de 1950 e foi o curso que, anos depois, teve Sérgio Mattos como discente durante a graduação e posteriormente como docente. Calmon sempre defendeu a formação acadêmica para a atuação do jornalista no mercado de trabalho.

Jorge Calmon é um nome muito importante na imprensa baiana, pois dedicou 67 anos de sua vida trabalhando no jornal A Tarde. Também foi presidente da Associação Baiana de Imprensa e patrono do Museu da Comunicação. Jorge Calmon teve a felicidade de receber da Academia de Letras da Bahia, a medalha Machado de Assis, em reconhecimento de sua extensa e profunda atuação como jornalista. Sérgio comenta a importância da permanência de Jorge Calmon para o jornal A Tarde: "Foi a época de ouro do jornal, cuja história poderá ser dividida em três etapas: antes de Jorge, com Jorge e depois de Jorge Calmon."

No jornal A Tarde, Sérgio pode conviver também com outros jornalistas. Cruz Rios foi um deles. O jornalista e advogado Cruz Rios trabalhou em A Tarde como repórter, redator e diretor de redação. Ele também atuou em cargos públicos, mas se destacou mesmo como jornalista. Cruz Rios foi membro da Associação Brasileira e Baiana de Imprensa, do Sindicato dos Jornalistas da Bahia e ocupou a cadeira nº 20 da Academia de Letras da Bahia.

Sérgio também teve a oportunidade de trabalhar com Adroaldo Ribeiro Costa. Adroaldo, assim como Sérgio, foi um jornalista compositor, cronista e professor. Foi ele quem compôs o hino do Esporte Clube Bahia. Ele era teatrólogo e advogado. Adroaldo iniciou-se no jornalismo ainda em Santo Amaro da Purificação, cidade em que viveu parte da infância e juventude. No jornal A Tarde, trabalhou principalmente na função de editor e editorialista até 1987, ano em que faleceu. Sérgio pôde trocar experiências com essas personalidades do jornalismo baiano. Todos os contatos foram importantes para a construção do jornalista que via a ética como princípio norteador do profissional de imprensa.

No jornal A Tarde, Sérgio sempre trabalhou como editor. Lá, teve a oportunidade de criar vários produtos. Um deles foi o Jornal de Utilidades, que tinha como objetivo prestar serviço à população. Era um caderno de serviço que tinha colunas variadas sobre saúde, cinema, turismo, teatro, automobilismo, etc. Neste caderno, Sérgio pode experimentar várias formas gráficas, sendo que este suplemento funcionou como um laboratório para a implantação do offset. Com o sucesso do caderno Jornal de Utilidades, Sérgio Mattos foi transferido para a editoria local do jornal, passando a trabalhar no turno da noite. Na editoria local, passou algum tempo ainda desempenhando a função de editor, mas logo resolve deixar o trabalho no jornal A Tarde para fazer o mestrado nos Estados Unidos. Ninguém acreditou que Sérgio, um editor tão conceituado, largaria o emprego de editor no jornal A Tarde para ir tentar fazer um mestrado que ele nem mesmo sabia se iria conseguir, pois, pouco sabia da língua estrangeira que precisava dominar para escrever todo o seu trabalho de mestrado e doutorado. Mas Sérgio deixou o A Tarde muito corajosamente e foi para os Estados Unidos para um primeiro desafio que era aprender inglês.

Em agosto de 1982, Sérgio volta dos Estados Unidos com o seu mestrado e o seu doutorado concluídos para reassumir suas funções de professor e pesquisador na UFBA.

Logo no início de 1983, o professor Edvaldo Boaventura, que, como Sérgio, tinha pouco tempo de conclusão do doutorado, também nos Estados Unidos, comunicou a Sérgio que assumiria o cargo de secretário da educação da Bahia e convidou Sérgio para o cargo de direção do Instituto de Rádiodifusão do Estado da Bahia – IRDEB, um órgão então vinculado à Secretária da Educação e Cultura do Estado. Edvaldo sabia que as pesquisas de Sérgio para o doutorado eram sobre a televisão e acreditava que a Bahia precisava de uma TV educativa. O IRDEB, até então, não possuía um sistema de TV. Sérgio, assume a direção do IRDEB com a proposta de colocar em funcionamento uma TV com distinções das outras, pois, além de não ter como objetivo fins lucrativos, a TV se propunha a ser educativa. Naquele período, aconteceram discussões sobre o uso de tecnologias nos processos educativos. Falava-se sobre os propósitos da TVE e formavam-se hipóteses sobre sua eficácia. Sérgio acreditava que a educação poderia ter sua qualidade potencializada com o auxílio da TVE. Ele publicou um artigo no jornal A Tarde em 26 de dezembro de 1983 em que falava sobre os benefícios da TV educativa.

Na Bahia, para dar alguns exemplos, a Televisão Educativa poderá participar, com intensidade, do processo de informação e difusão cultural, estimulando e preservando os nossos valores regionais. Poderá ainda ser utilizada como centro produtor de programas institucionais relativos tanto à educação formal quanto à não formal.(MATTOS, 2009 b, p.114)

Esse sistema educativo de televisão não era muito comum no Brasil, ficando restrito, até então, a poucos Estados, como São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. O sistema de TV com enfoque educativo, na visão de Sérgio Mattos, funcionaria auxiliando o trabalho do professor juntamente com a utilização do videocassete e de computadores.

Foram muitas as mudanças encabeçadas por Sérgio Mattos naquela instituição. A transformação do IRDEB em uma fundação foi uma das alterações, pois ainda funcionava como um sistema de autarquia especial. Foi feito também um novo plano de cargos e salários para todos os funcionários e a promoção de um curso de mestrado em educação à distância em convênio com uma universidade do Canadá, além da reestruturação e modernização das emissoras de rádio educativas. A partir de todas essas alterações o trabalho se focou nas possibilidades para se implantar, de fato, uma TV educativa. A idéia inicial era que a televisão educativa funcionasse num sistema de

TV escola; ela não substituiria a escola, apenas complementar dando bases à educação auxiliando professores e também realizando ensino a distância. Sérgio elaborou os projetos arquitetônicos e técnicos. O projeto estava muito bem encaminhado, mas em julho de 1984, Sérgio teve uma desavença com Jonival Lucas, que tinha muita força no governo de João Durval ele foi demitido.

A partir do momento em que saiu publicado no Diário Oficial todos os projetos aprovados e o montante de recursos a serem liberados, ele [Jonival Lucas] achou que eu já poderia contratar as pessoas [...]. A partir da publicação no Diário Oficial, o cara queria que eu contratasse trezentas e cinquenta pessoas para a televisão, quando no projeto inicial a previsão era de no máximo cento e quinze. Eu disse que não podia contratar, por conta da televisão não existir ainda, pois a gente estava esperando ainda a liberação dos recursos para começar a construção, e ele disse: 'ou você contrata, ou você sai daí', eu disse: enquanto eu for diretor eu não contrato. Aí, ele me detonou. Ele tinha muita força no governo e me tirou. Uma semana depois que eu sai do IRBED, os recursos foram liberados e o meu substituto começou a implantação da televisão educativa em cima de todos os projetos que eu tinha elaborado." (Sérgio Mattos em entrevista)

Carlos Alberto Simões foi o homem que assumiu o cargo da direção do IRDEB após a saída de Sérgio. Apesar de ter passado apenas um pouco mais de um ano no IRDEB, Sérgio conseguiu mudar o caráter da instituição. Depois, por questões políticas, a TVE se concretiza com um caráter mais cultural do que educativo, a ideia evoluiu para a TV Cultura.

No ano de 1985, Sérgio retoma seu emprego no jornal A Tarde. Sérgio implanta o suplemento A Tarde Municípios que começou a circular em abril de 1985. O suplemento tinha como propósito fomentar a integração entre os municípios da Bahia. O objetivo de A Tarde Municípios era trazer para as páginas do jornal, notícias de todas as cidades, já que o jornalismo sempre esteve muito focado na capital e nas cidades de maior força econômica. Sérgio escreve um artigo em A Tarde quando o suplemento completava nove anos de existência e circulação.

Desde que A Tarde Municípios começou a circular, o principal objetivo de sua editoria foi o de divulgar o dia-dia de todas as regiões do estado. Isto porque tem como princípio que a realização de festas em tradicionais clubes da capital ou um show no Teatro Castro Alves é tão importante para a população

de Salvador, como um baile de debutantes no município de Carinhanha ou a apresentação de uma peça no Teatro Municipal de Ilhéus é significativa para a população dessas duas cidades (MATTOS, 2009 b, p. 93).

Esse caderno foi importante para que outros jornais de Salvador passassem a ter ao menos uma página destinada às notícias do interior baiano. O A Tarde Municípios, ao divulgar notícias do interior, valorizou a cultura, a economia e a política das pequenas cidades tentando sempre buscar os interesses regionais. O suplemento foi de fundamental importância para que houvesse uma maior troca cultural, social e comercial entre os municípios. Com A Tarde Municípios, o jornal A Tarde cumpre seu papel de agente socializador, desempenha sua função de informar, educar, fiscalizar, denunciar e entreter através de seus textos.

O público que o A Tarde Municípios pretendia atingir com esse formato eram as pessoas do interior. O interior baiano é formado em sua grande parte por uma população rural. Algumas matérias eram dedicadas aos temas agrícolas que eram de interesse das pessoas que moravam e trabalhavam no campo. Sérgio encabeça mais uma grande realização, a criação de A Tarde Rural, um tablóide de 12 páginas voltado para os setores da agropecuária da Bahia. O suplemento A Tarde Rural trazia matérias abordando assuntos com o objetivo de melhorar o sistema de produção, trazia novidades tecnológicas e informações do que estava sendo produzido no campo baiano. Esse tipo de divulgação causa benefícios aos produtores e ao sistema econômico regional.

Pelo jornal A Tarde, como editor e jornalista do suplemento agrícola, Sérgio vai a Vitória, a ilha-capital do Espírito Santo, numa viagem profissional. Sérgio foi visitar uma grande empresa de celulose no Brasil, a Aracruz Celulose. Esta empresa é a maior produtora de celulose branqueada de eucalipto no mundo e pelo seu comprometimento com a sustentabilidade ambiental. Na época, a empresa estava investindo no plantio de florestas homogêneas de eucalipto, no extremo sul da Bahia. Sérgio aproveitava todas as suas viagens a trabalho para conhecer a imprensa local. Não foi diferente em Vitória. Ele foi até o jornal A Gazeta para conhecer seus avanços tecnológicos.

Ainda trabalhando em A Tarde, no ano de 1998, uma outra viagem fez com que Sérgio tivesse o interesse de conhecer a imprensa local. Ele tinha sido convidado para uma viagem, com duração de uma semana, a Cuba, em janeiro de 1998. Esta viagem lhe

rendeu experiências, aprendizados, um poema, uma música e um livro chamado *Abrete, Cuba!*

Paixão Cubana

*Estou apaixonado por Cuba.
Conheci uma cubana
de Havana.
Depois dos "mojitos"
da Bodeguita.
De beber daiquiri
da Floridita,
vi uma bela cubana
numa noite de salsa
da Tropicana.
Que morena mais linda!
Cor de melão
reluzente.
Eu a vi dançando
com rebolado
convicente.
Estou apaixonado
por Cuba.
Conheci uma cubana
de Havana.
Fugiu do meu olhar
Em plena Malecón,
a avenida Beira-Mar.
Procurei de noite.
Procurei de dia.
De Varadero a Santiago
Subi a Sierra Maestra
e o Pico Turquino,
mas não encontrei
a bela cubana...
Ela partiu meu coração,
liberando uma forte paixão.
Estou apaixonado
Por Cuba.
Conheci uma cubana
de Havana.*

(Letra musicada por Kareka, seu parceiro musical, em ritmo de salsa)

Sérgio analisou muitos aspectos em Cuba durante a sua viagem. Percebeu aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos da ilha. Um aspecto econômico deste país que chamou sua atenção foi a existência do dólar cubano.

Nos três primeiros dias da visita não vi a moeda local, o peso cubano. Os dólares americanos circulam naturalmente para tudo, compra, táxi, comida, etc, mas o troco sempre é recebido em dólares cubanos, uma moeda alternativa que facilita o troco e que pode ser trocada por dólares americanos, no aeroporto, quando o visitante estiver deixando o país (MATTOS, 2009 a).

Em Cuba, Sérgio não viu ninguém passando fome, sem roupas ou descalço. O aspecto da prostituição lhe despertou atenção, pois ocorria de forma muito diferente no Brasil.

A prostituição ocorre abertamente e muitas meninas ficam se oferecendo nas portas dos hotéis e nas avenidas. Segundo o nosso motorista, a prostituição começou a ocorrer em Cuba após a derrocada da União Soviética, quando as dificuldades locais aumentaram e o bloqueio americano se fez sentir mais acentuadamente. Entretanto, em Cuba, a prostituição apresenta um viés que nos leva a pensar, pois até as prostitutas têm nível universitário. (MATTOS, 2009 a).

Sérgio revela que muitas médicas, enfermeiras, engenheiras se prostituem para conseguir os dólares dos turistas.

A medicina em Cuba sempre foi considerada uma das melhores do mundo. Algumas cidades baianas estavam tentando implantar o sistema de saúde cubano. Sérgio Mattos e o grupo formado por Valter Xéu de Jesus (jornalista), Ronival Luz (fotógrafo), Marcelo Leone (então vice-prefeito de Santo Amaro da Purificação), Edval Santos (então secretário de saúde de Santo Amaro da Purificação) e Rosângela Luz (então enfermeira-chefe de Sapeaçu) foram a Cuba para uma visita oficial. Não foi uma viagem com missões jornalísticas, mas que possibilitou ao nosso jornalista Sérgio, conhecer um pouco da imprensa local.

[...] estava prevista uma entrevista com Fidel que não aconteceu, então, nós acabamos tendo mais contatos. Fomos visitar a rádio de Havana, onde eu dei entrevista, divulgaram algumas músicas minhas lá, no programa ao vivo, fui no jornal O Granma, onde contactei com os jornalistas da rádio livre de Havana, que é uma rádio que transmite um programa para o mundo todo, idêntico ao programa americano A Voz da América. De Havana é transmitido para todo o mundo, em várias línguas programa A Voz de Cuba. Aí eu visitei o departamento português, encontrei jornalistas húngaros que tinham vivido e morado no Brasil, trabalhavam lá... (Entrevista de áudio).

Sérgio também teve a oportunidade de conhecer a Escola de Cinema de Cuba, que é um pólo de cinema de grande importância na América Latina. Ele manteve contato também com escritores, poetas, inclusive pensou-se em um convênio para a publicação de obras do Brasil em Cuba e vice-versa. Dentre tantos contatos, houve um em especial que Sérgio fez com o poeta Daniel Fernando Setila, um poeta angolano que vivia em Cuba. A Sérgio foi solicitado escrever uma apresentação de um livro de Daniel e, por sua vez, Daniel faria traduções de algum dos livros de Sérgio. Mantiveram o contato durante um longo tempo. Setila publicaria um livro em português no Brasil e em espanhol, no país cubano.

Daniel Setila nasceu na cidade de Huambo em Angola, em 1966. Sérgio cria um texto em seu blog falando sobre o poeta angolano: "Dono de uma poesia forte, marcada pelas cicatrizes deixadas em seu corpo, sua alma e em seu coração devido à experiência de sua luta em busca da realização dos sonhos e do mundo de esperança que idealizou construir".

Sérgio perde o contato com Setila. Soube depois que ele havia retornado para Angola e que lá morreu. O livro infelizmente não chegou a ser publicado devido ao desaparecimento de Setila. E com a morte dele, os editores ficaram impossibilitados de publicar o livro.

Sérgio Mattos, ao longo de sua trajetória jornalística e acadêmica recebeu muitos títulos e honrarias. O jornalista Samuel Celestino, que atualmente preside a Associação Baiana de Imprensa – ABI, e é proprietário do portal mais acessado do estado da Bahia (Bahia Notícias), iniciou suas atividades no jornal A Tarde através da indicação de Sérgio Mattos. Samuel, no ano de 1997, publica um artigo em sua coluna no jornal A Tarde, ressaltando a contribuição de Sérgio Mattos para o Jornalismo baiano, quando Sérgio estava prestes a receber o título de cidadão baiano:

O jornalista Sérgio Mattos já era de há muito, baiano. O reconhecimento oficial, no entanto, dessa condição e, conseqüentemente, do seu trabalho na imprensa, ele o receberá às 15 horas de hoje na Assembléia Legislativa, com o Título de cidadania baiana que lhe será outorgado, em sessão especial autorizada do deputado José Ronaldo. Justo merecimento (CELESTINO, 1999, p. 324).

O jornalista Sérgio foi homenageado também com o recebimento de muitos outros títulos de cidadania em reconhecimento ao trabalho exercido em benefício da causa municipalista por meio do jornal. Recebeu como honraria, o título de cidadão de diversos municípios da Bahia: Cruz das Almas, Cachoeira, São Felipe, Santo Antonio de Jesus, Juazeiro, Itabuna, Ilhéus, Feira de Santana e de Pitritiba.

Sérgio, em muitos eventos é convidado a compor mesas em debates e conferências. Recentemente foi convidado a fazer a abertura da Primeira Conferência Estadual de Comunicação do Estado do Mato Grosso do Sul, ocorrida na capital Campo Grande. No evento, foram debatidos temas como a democratização dos meios de comunicação, TV pública, marco regulatório, concessão pública de radiodifusão, entre outros.

A etapa baiana da Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), ocorrida em Salvador, em novembro de 2009, contou com a participação de Sérgio Mattos no debate sobre meios de distribuição. A Confecom tinha como tema a *Comunicação: meios para construção de direitos e de cidadania na era digital*.

De aluno a professor conceituado

O estudante Sérgio Mattos contou, ao longo da sua trajetória acadêmica, com bons professores. Os docentes da UFBA, no período em que Sérgio fez a graduação, não eram jornalistas formados, eram advogados, médicos, etc. Mas todos eram praticantes do jornalismo, jornalistas profissionais. Para o contexto da época, eram considerados bons professores da área. Sérgio se recorda de todos os professores que ajudaram na sua formação acadêmica e profissional. Alguns marcaram singularmente a sua vida, como, por exemplo, a professora Consuelo Pondé de Sena, que atualmente é presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Ela é graduada em História e Geografia, tendo sido professora de Sérgio em uma disciplina sobre a cultura brasileira, mas foi uma docente que se ligou à turma mantendo o contato com alguns alunos até hoje.

Sérgio contou também com os ensinamentos de Florisvaldo Mattos, jornalista até hoje atuante no mercado do jornalismo, desempenhando a função de redator-chefe no jornal *A Tarde*. Sérgio dedicou um poema sobre a rotina jornalística a Florisvaldo Mattos, no ano de 1968. Fernando Rocha também foi professor de Sérgio no período da graduação. Foi ele quem levou Sérgio Mattos, recém-formado, para ensinar na Faculdade de Comunicação (FACOM) da UFBA, que, na época, era a Escola de Biblioteconomia e Comunicação da UFBA, como professor colaborador. Sérgio havia se formado no ano de 1971 e, em 1975, já ensinava na UFBA. Fernando Rocha acreditava muito no jornalismo que Sérgio fazia, foi ele também que convidou Sérgio Mattos para integrar a equipe de jornalismo do jornal *A Tarde*. Antônio Loureiro de Souza, cachoeirano, que foi diretor da Faculdade de Comunicação, também foi um dos professores de Sérgio. Antônio Loureiro posteriormente se dedicou ao estudo da poesia de Sérgio Mattos.

A estrutura do curso de Jornalismo, no período em que Sérgio fazia a graduação, não era tão aperfeiçoada como a dos cursos atuais. Sérgio falou sobre a precariedade dos cursos naquele período e como os alunos conseguiam aprender a fazer Jornalismo mesmo diante das dificuldades:

Hoje, por exemplo, você faz um curso de Comunicação aqui, que vocês reclamam que o curso não é bom, que está faltando muita coisa, mas ele é cem por cento, ou duzentos por cento melhor do que o que eu fiz na UFBA, quando eu fui estudante de jornalismo. Por exemplo, vocês reclamam que não tem máquinas pra isso, não tem máquinas fotográficas [suficientes] e coisa e tal. Eu não tive máquina fotográfica. O professor desenhava a máquina no quadro e dizia: isso aqui é o obturador, o que é a lente, isso aqui é uma coisa, e ensinava a gente a aprender a fotografar. Eu aprendi a fotografar sem ter pego numa máquina, quando botaram uma máquina na minha mão, eu sabia exatamente o que fazer com ela. (entrevista de áudio)

Claro que se deve analisar o contexto da época para entender por que os cursos eram instrumentalmente deficientes. O desenvolvimento tecnológico melhorou muito a qualidade técnico-tecnológica do jornalismo e das escolas de Comunicação. Sérgio já possui mais de 40 anos de formado, em vista disso, é compreensível que os cursos tenham evoluído, sobretudo em relação a laboratórios.

Sérgio iniciou sua carreira acadêmica como professor colaborador no ano de 1975, mas só em 1976, foi admitido através de um concurso público para professor, fazendo assim parte da equipe docente da Faculdade de Comunicação da UFBA. Desde lá, não deixou mais a academia. Na UFBA, foi professor de Jornalismo no curso de graduação e de Comunicação na pós-graduação. Ainda como professor na FACOM, Sérgio foi professor orientador da primeira tese de doutorado, do programa de pós-graduação, defendida por José Moura Pinheiro.

No ano de 1978, Sérgio trabalhava no jornal *A Tarde* como editor, mas decide qualificar sua vida acadêmica. Ganha uma bolsa de estudos para fazer um mestrado nos Estados Unidos. Foi primeiro para a Universidade de Pittsburgh estudar inglês. Lá ficou sozinho por um tempo, se dedicando à língua que necessitava aprender para não voltar para o Brasil sem o título do mestrado. Sérgio se dedicou muito nessa época, chegando a ficar 18, 20 horas do dia sentado estudando inglês. Ele precisava saber escrever muito

bem em inglês, pois sua tese seria escrita neste idioma. Posteriormente, foi para a Universidade do Texas, em Austin, para fazer o mestrado e o doutorado. Seu sacrifício valeu a pena, pois, naquele tempo, Sérgio conseguiu fazer seu mestrado e o doutorado em menos de quatro anos.

Sérgio volta ao Brasil, com seu doutorado concluído em 1982 e reassume seu cargo de professor na FACOM.

Professor é aquele que ensina algo aos alunos, ensina uma arte, uma língua, uma ciência, uma atividade, ensina um pouco da vida. Quando perguntado se é um bom professor, Sérgio responde que poderia ser melhor:

Eu acredito que eu sou muito didático, eu sei passar as coisas didaticamente, então essa é uma coisa nata. Quer dizer, você nasce com o dom de ser didático e de passar as informações. Então, eu consigo que as pessoas entendam o que eu estou dizendo, não deixo ninguém na dúvida. Eu uso o palavreado normal que as pessoas usam, sei descer o nível da simplicidade pra poder comentar as coisas, mas ser professor realmente é uma coisa fantástica. (Entrevista de áudio)

O professor Sérgio acredita que existe uma diferença dos alunos de antigamente para os alunos atuais. O aluno de hoje entra na sala geralmente porque precisa da presença para avançar, para concluir o curso e não para adquirir conhecimento, como seria o aluno de outrora. Ele ainda aconselha aos estudantes:

Enquanto você estiver na universidade, procure ser como uma esponja, absorva o que você puder, porque depois, quando você estiver no mercado de trabalho, ninguém vai ficar lhe ensinando, você vai quebrar a cara sozinho. Então, você tem que absorver do professor que pode lhe ajudar. Então, todos os professores têm alguma coisa a dar, a transmitir, a ensinar. Você pode não gostar do professor porque é antipático, chato, mas ele sabe alguma coisa pra lhe transmitir. Se você conseguir interagir e absorver daquele professor alguma coisa, você vai aprender. [...] O professor ideal que eu imagino, eu jamais vou conseguir ser. (Entrevista de áudio)

Em 1987, muito corajosamente, Sérgio aventura-se a disputar o cargo da reitoria da Universidade Federal da Bahia. Não conquista o cargo, mas a experiência de pensar e contruir propostas para o melhoramento de uma universidade já é bastante satisfatório como aprendizado na vida.

Em dezembro de 1997, se aposenta como professor da UFBA e segue com outros planos. Em 1999, Sérgio assume a coordenação do curso de Comunicação Social da faculdade Polifucs. Uma faculdade particular, que ficava localizada no município de Lauro de Freitas. Permanece coordenando o curso até o ano de 2001. Sérgio já estava dirigindo um dos campi da Unibahia, faculdade também particular e também localizada no município de Lauro de Freitas. Na Unibahia, Sérgio ajuda na implantação e na coordenação dos cursos de Comunicação, de Jornalismo e de Relações Públicas. Ficou trabalhando na Unibahia até o ano de 2007, onde já estava coordenando a pós-graduação da faculdade. Essas experiências com coordenações de cursos trouxeram para Sérgio muito aprendizado em relação ao funcionamento de entidades de ensino. Ele gostou tanto da atividade que, em 2008, foi coordenar os cursos de jornalismo da Faculdade da Cidade do Salvador e da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC).

Devido a sua estreita relação com a cidade de Cachoeira, desde a juventude, Sérgio decide fazer concurso para pleitear uma vaga de docente na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo. A UFRB nasce como uma universidade multicampi, com campi nas cidades de Amargosa, Cruz das Almas, Cachoeira e Santo Antônio de Jesus. O curso de Jornalismo tem sua sede no Centro de Artes, Humanidades e Letras localizado na cidade da Cachoeira. A UFRB, ainda recém-nascida, com apenas dois anos de criação, recebe Sérgio Mattos como professor que logo passa a vice-coordenador do curso, dividindo as atividades da coordenação com o colega e amigo de longa data, professor doutor Robério Marcelo Ribeiro.

Recentemente, Sérgio foi indicado ao cargo de diretor da editora da UFRB:

A administração central criou a Superintendência da Editora da UFRB, através da Portaria N° 299/2010, de 24 de março e nomeou como superintendente o Professor Sérgio Mattos, do CAHL, Centro de Artes, Humanidades e Letras. Com a criação da Editora, a UFRB poderá padronizar suas publicações e ampliar os canais de comunicação internos e externos.

O Reitor Paulo Gabriel Nacif considera importante a atuação de uma superintendência que deve orientar e apoiar os docentes, em suas publicações, além de responsabilizar-se pela divulgação de sua produção intelectual. Professor Sérgio Mattos é escritor, compositor, poeta e jornalista. Doutor em Comunicação, realiza pesquisas sobre o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa no Brasil desde a década de 1970 (Portal UFRB, 2010).

A publicação de livros ainda é algo muito caro aqui no Brasil. São muitos os fatores que encarecem uma publicação. As empresas produtoras de papel, a revisão e a edição gráfica e os Correios são alguns agentes que não permitem que os livros cheguem às mãos dos consumidores por preços acessíveis.

Sérgio sempre valorizou a publicação, pois acredita que é a forma para deixar algum feito, "deixar sua contribuição". Para muitos, essa vontade de publicar é uma avidez. Sérgio não acredita que possui essa avidez, acredita que seu legado comunicacional e literário é fruto da sua maturidade:

Se você se sente responsável, se você se sente capaz de produzir e deixar alguma coisa, então é obrigação sua produzir e deixar. [...] Muito tempo eu lia, lia a obra dos outros. Agora eu ruminei, ruminei e agora eu estou jogando pra fora o que eu posso dar de contribuição.[...] Eu estou colocando o Sérgio pra fora. Antes eu ficava citando Fulano disse, Beltrano disse, agora estão dizendo o que Sérgio disse. (entrevista de áudio)

Ele acredita que mesmo que não se tenha êxito em tudo que é produzido, só a contribuição de levar o assunto à discussão, levar o assunto ao debate, já está gerando conhecimento para as pessoas. Sérgio já teve como meta a publicação de um livro a cada um ano, não queria passar o ano em branco. Todos os anos ele faz uma lista com os projetos que deseja realizar. Infelizmente não dá tempo de concluir todos, pois aparecem outras atividades para serem desenvolvidas. Um dia percebeu que se ele conseguisse fazer uma quantidade exata de projetos por ano, chegaria aos seus 65 anos de idade, com 65 livros publicados. Sérgio passou a perseguir essa meta. Está ainda na expectativa de conseguir alcançar o seu objetivo. Na realidade, ser um sexagenário desperta em Sérgio uma certa angústia. Parte da sua família morreu com idade próxima. Portanto, ele deseja mesmo deixar um legado e se pode estar próximo ou não de sua partida, o ideal é que produza, pois quanto mais produz, mais se sente realizado.

Este ano de 2010, ele já tem dois livros prontos, dependendo de publicação. Um destes livros é a biografia de José Marques de Melo, homem muito admirado por Sérgio, pela sua força e capacidade de produção intelectual. Sérgio se espelha em Marques de Melo quanto à produção. José Marques de Melo é alagoano, dono de uma

rica história de vida que é abordada no livro do autor Sérgio Mattos que enveredou pelos caminhos da biografia, já tendo publicado uma: Jaime: *Só Você Pode*.

O processo de criação e escrita de um livro não é tudo. A publicação é um tanto complicada de se conseguir, precisa de editor interessado em publicar, porque tudo envolve custos. Em vista disso, a publicação é muitas vezes a parte mais difícil de se concretizar.

Como acadêmico, professor e pesquisador da área da comunicação, Sérgio Mattos já publicou muitos livros sobre a comunicação e o jornalismo. Essa riqueza crítica comunicacional é bibliografia básica analisada pelos estudiosos da área. Sérgio publicou livros como *A Televisão e a Cultura no Brasil e na Alemanha*, *A televisão e as Políticas Regionais de Comunicação*, *A televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)*, *Censura de Guerra: Da Criméia ao Golfo Pérsico*, *Imparcialidade é Mito*, *Memória da Imprensa Contemporânea* e tantos outros.

Sérgio foi presidente e fundador do IBL – Instituto Baiano do Livro e também da ALAS – Academia de Letras e Artes de Salvador, instituições estas que defendem a produção editorial no âmbito Nacional e também local e conjuntamente defendem o incentivo à leitura.

Sérgio Mattos é vinculado à INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Nesta entidade, ele implantou e coordenou o Grupo de Trabalho de Televisão. No ano de 2000, recebeu, em reconhecimento pelas suas pesquisas acadêmicas, o Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria Maturidade Acadêmica.

O acadêmico Sérgio fez parte da comissão de especialista do MEC encarregada de elaborar as *Novas Diretrizes Curriculares para o Curso de Jornalismo* no ano de 2009. A comissão foi formada por grandes pensadores do jornalismo na atualidade: José Marques de Melo (Universidade Metodista de São Paulo), Alfredo Vizeu (Universidade Federal de Pernambuco), Carlos Chaparro (Universidade de São Paulo), Eduardo Meditsch, (Universidade Federal de Santa Catarina), Luiz Gonzaga Motta (Universidade de Brasília), Lucia Araújo (Fundação Roberto Marinho / Canal Futura), Sérgio Mattos (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) e Sônia Virgínia Moreira

(Universidade Estadual do Rio de Janeiro). O documento assinado pelos componentes da comissão rezava que:

[...] a Comissão de Especialistas abaixo assinada manifesta sua crença na formação superior específica para o exercício da profissão de jornalista. A responsabilidade social do jornalismo, seu papel essencial na democracia e a competência específica exigida para exercê-las, lidando com as novas tecnologias, aspectos enfatizados ao longo deste documento, recomendam uma formação fundamentada na ética, na competência técnica, no discernimento social e na capacidade crítica, habilidades que só podem ser adquiridas em uma sólida formação superior própria (PORTAL MEC, 2009).

A Especialização em História da TV Brasileira

TEVÊ

Eu te vi

Tu televiste

Ele televiu.

— É a televisão

teleadivinhando

o futuro que muitos estão sonhando.

(1981)

A faceta pesquisador sempre esteve presente, seja como jornalista, seja como professor, seja como poeta, etc. Sérgio acredita que para desenvolver bons trabalhos é necessário sempre empenhar-se nas pesquisas. Mas o trabalho de pesquisa dele foi voltado principalmente para a área da comunicação, e, para esta área, realmente muito contribuiu. Sua intensa dedicação trouxe bons frutos, sobretudo no que diz respeito à televisão.

A televisão surge no Brasil em 18 de setembro de 1950. Nasce em São Paulo, e, em pouco tempo, se transforma no maior veículo de comunicação de massa do país. A televisão consegue, atualmente, alcançar quase todo o grandioso território nacional.

Os primeiros contatos de Sérgio Mattos com a televisão foram muito singulares. Sérgio tinha chegado à Bahia em 1959. Um ano depois, a TV Itapoan chega a Salvador, uma emissora afiliada da TV Tupi, mas só em 1961, Sérgio tem o primeiro contato com a telinha. Gostava muito de assistir a programação que ainda era bastante precária, pois a TV foi implantada rapidamente, de maneira um tanto improvisada. A televisão, neste período, não funcionava durante as 24 horas do dia, como é comum hoje. Não havia programação suficiente para ocupar todo o espaço de tempo do dia. Começava a funcionar de tardezinha e cessava a programação à noite. Sérgio, em palestra na Bienal do Recôncavo, na cidade de São Felix, Bahia, falou sobre o surgimento da televisão e como ele se deu de forma improvisada:

E assim nossa televisão surgiu como um fruto da improvisação e com toda a criatividade e características do famoso jeitinho brasileiro. Não houve um planejamento. Foi tudo arranjado. Tudo foi montado de última hora. Quando a data de inauguração já estava marcada surgiu alguém perguntando: "mas nós vamos transmitir para quem? Não existem televisores no país". A transmissão das imagens da televisão não tinha audiência. Então, rapidamente, Assis Chateaubriand providenciou a importação, mas não pelos meios e vias legais que poderiam demorar muito. "A importação", entre aspas, para não chamarmos de contrabando, de apenas 200 televisores foi providenciada. O governo sabia do contrabando e fez de conta que não sabia. Os televisores foram espalhados por vários locais de acesso público: foyer de um teatro, no hall de um hotel, em frente a sede da emissora, em praças públicas, nos bares e em clubes sociais de São Paulo. E assim, uma parcela privilegiada pode assistir a transmissão da nossa primeira imagem. O primeiro programa foi ao ar assim (MATTOS, 2001, p. 182-183).

Já como jornalista, Sérgio participa como jurado de programas de calouros. Vinham aqueles artistas anônimos apresentarem suas performances para que os jurados avaliassem. Nesses tempos, Sérgio trabalhou com César de Alencar e Luiz Vieira, famosos apresentadores de programas de auditório. Seus contatos iniciais com a TV foram assim de forma esporádica.

O interesse pela pesquisa na área da televisão surge quando Sérgio percebe a influência determinante da, como ele mesmo chama, "revolução de 1964", sobre o desenvolvimento do veículo televisão.

Então, foi mais um interesse político em ver qual tinha sido o impacto da Revolução de 1964 sobre o veículo de massa de maior audiência no país. Então, eu comecei a estudar aí, a partir daí eu não parei mais, virei hoje um especialista em história da televisão do Brasil por conta de um interesse secundário que eu tinha e eu fiz minha tese de mestrado, tese de doutorado envolvendo televisão, publiquei vários livros. Eu devo ter catorze livros ou quinze livros publicados só sobre televisão, entre livros meus mesmo e livros que eu organizei. (Entrevista de áudio)

A televisão, um dos veículos mais importantes no sistema comunicacional brasileiro, foi pesquisada por muitos estudiosos da área. Para compreender melhor o processo evolutivo da televisão no Brasil é necessário analisar os detalhes que levaram este veículo a ter a importância que tem na sociedade brasileira. A pesquisa sobre a história da televisão precisa levar em conta todo o processo estrutural econômico, político, social e cultural do país, como assim fez o pesquisador Sérgio Mattos. O meio

de comunicação, seja ele o rádio, o jornal impresso, a revista, a internet e a televisão influenciam de forma significativa no espaço social em que está inserido.

A leitura das obras do pesquisador Sérgio Mattos sobre a televisão brasileira é obrigatória para aqueles que desejam entender a história e o processo televisivo brasileiro. Sua obra é tida como referência na área.

A televisão funcionou no Brasil promovendo a integração nacional. Um país tão extenso precisava mesmo de um sistema de comunicação de massa mais eficiente. A tecnologia dos satélites contribuiu para a força e a eficiência que a televisão possui no país, trazendo áudio e imagens de longas distâncias, transmitido-as apenas através de uma caixinha. Sérgio concede uma entrevista à repórter Cristina Abelha do jornal A Gazeta, de Vitória do Espírito Santo, em que destaca a integração nacional como um dos principais pontos positivos da evolução da TV brasileira:

São inúmeros os aspectos positivos da televisão, mas um dos mais importantes é o papel de integração nacional que ela promove. O Brasil é um país de dimensões continentais o que torna difícil a manutenção de uma unidade inclusive de linguagem. Ao tempo em que a existência de uma única língua, o português, foi importante para o desenvolvimento inicial da TV entre nós, a televisão hoje contribui para manter esta unidade linguística, apesar dos padrões culturais adotados e impostos a todo o país ser o padrão produzido no sul maravilha (MATTOS, 2001, p.17).

Neste esclarecimento, Sérgio tece uma crítica aos padrões adotados pela televisão brasileira que utiliza a cultura do sudeste e sul do país em sua programação, desprezando as culturas das outras regiões. Quando se utiliza dessas outras culturas, o faz de forma estereotipada, deformando-as para a leitura de seus telespectadores.

O brasileiro tem em sua cultura o hábito de assistir televisão. É o veículo televisão que o mantém informado na maioria das vezes. A pessoa que não se informa é excluída de conversações que envolvem temas atuais. Muitas conversas são pautadas através de temas que estão circundando na mídia. Um grande exemplo que pode ser dado é a novela. As pessoas conversam sobre as novelas como se fossem realidade. Os assuntos trabalhados nos enredos dos folhetins televisivos vão circulando em todos os lugares da sociedade, seja na rua, no ônibus, no trabalho, nas escolas. Quem não soube que a Camila, interpretada pela atriz Carolina Dieckmann, raspou a cabeça porque

estava com leucemia na novela Laços de Família? Até quem não assistiu a novela ficou sabendo, devido ao poder que a televisão exerce sobre a sociedade brasileira.

O poder da TV sobre a sociedade surge desde o início, logo quando a TV entra nos lares, ocupando espaços ainda improvisados e chegando, muitas vezes, a roubar o lugar das reuniões familiares.

A televisão brasileira sempre foi marcada pela criatividade e com sua experiência e maturidade conseguiu evoluir muito. Hoje, exporta seus programas e principalmente suas telenovelas para diversos países.

Temos uma televisão que surgiu da improvisação, na década de 50, evoluindo técnica e tecnologicamente a ponto de exportar seus programas hoje para mais de 130 países, que assistem as novelas e outros programas brasileiros, além de consumir um pouco da cultura brasileira, pois junto com a novela são exportadas a música brasileira contida nas trilhas sonoras, os livros dos autores da novela, além da moda e o estilo de vida do brasileiro, entre outras coisas (MATTOS, 2001, p.196-197).

A televisão no Brasil surge muito atrelada ao rádio. O rádio desempenhava, naquele momento, o veículo que trazia informação e entretenimento às famílias brasileiras. Tudo com muita instantaneidade. Até hoje, é considerado o veículo mais rápido ao transmitir notícias. Mas a televisão possibilitava ver a imagem. A credibilidade era muito maior. Os grandes profissionais de rádio foram trabalhar na televisão. A postura dos apresentadores de noticiários televisivos, sobretudo na impostação da voz era muito semelhante às locuções radiofônicas. Com a chegada da televisão, muito se discutiu sobre o fim do rádio, mas ele não acabou. Um veículo não chega para acabar com os existentes, eles se complementam e são utilizados pelas pessoas dependendo da situação.

Na verdade, em seus primeiros anos, a televisão absorveu totalmente a infra-estrutura do rádio. Os artistas que trabalhavam em emissoras de rádio passaram a trabalhar nas emissoras de televisão. Os artistas que cantavam no rádio passaram a cantar na televisão. Os artistas que faziam o rádio-teatro passaram a fazer a telenovela e, às vezes, ao vivo porque nos primeiros anos nós não tínhamos ainda o recurso do videoteipe e tudo na televisão era transmitido ao vivo (MATTOS, 2001, p.184).

Sérgio começa a pesquisar sobre televisão muito por acaso, pois se interessava pelo aspecto político que tinha levado a TV ter o poder que tem, mas nunca esperou que fosse tornar-se uma referência na área. Quando perguntado sobre o porquê de se empenhar tanto em pesquisar sobre a televisão, ele responde ingenuamente: “E eu sei?! Eu não sei, eu quando acordei em mim, eu já estava envolvido com televisão”. Os pesquisadores da área da Comunicação se interessam bastante sobre os veículos que causam mais impacto na sociedade, mas são pouco os que desenvolvem suas pesquisas com tanto empenho e dedicação. E que fique claro, que apesar dessa maneira descontraída de falar, Sérgio é extremamente aplicado no que se propõe a fazer e o faz com maestria.

Em seus estudos, Sérgio faz uma análise completa sobre o veículo televisivo; ele pesquisou sobre os aspectos históricos, políticos, econômicos, sociais, comunicacionais, preenchendo as lacunas e trazendo um panorama bastante rico de informações. Quanto às pesquisas, Sérgio acredita que os estudos de caso são muito importantes para que seja entendido o crescimento da mídia brasileira.

A experiência de ter trabalhado muitos anos no mercado jornalístico, possibilita a Sérgio uma melhor apreensão sobre o funcionamento real das mídias. Sérgio destaca em seus artigos a importância da pesquisa levar em consideração o desenvolvimento da mídia no tempo, serve como um conselho para os jovens pesquisadores:

Todos os estudos de aspectos particulares da televisão devem ser considerados como elementos interdependentes de um contexto global. Cada estudo realizado sobre a televisão deve levar em consideração, seja qual for, que o aspecto ou o recorte a ser feito continua sendo parte de um todo, recebendo influência do meio, mas também atuando sobre ele, modificando a realidade. Devemos reconhecer que a televisão é uma mídia interdependente. Precisamos estar conscientes da televisão como unidade em si e da inter-relação dela com o meio no qual está inserida, sofrendo influência e influenciando a realidade do contexto socioeconômico político e cultural (MATTOS, 2009 b, p. 142).

O veículo televisivo desenvolve também um papel político muito importante na vida social dos brasileiros, uma vez que ela, a televisão, é capaz de criar moldes de comportamento para os indivíduos, assim com disseminar ideologias, construir cenários, etc. O papel da televisão no Brasil é muito significativo e deve ser estudado

para se pensar em uma televisão de mais qualidade e que tenha como objetivo o interesse público.

Poesia e Comunicação

Estandarte

*Que os poetas
Façam a Revolução da Canção,
que usem as flores, as palavras
e os poemas como armas
da libertação.
Que os poetas cantem
o amor, liberdade
e usem a verdade
como estandarte
na luta contra a alienação.
(Sérgio Mattos, 1979)*

Sérgio Mattos é um homem muito dedicado ao jornalismo, mas ainda consegue tempo para entregar-se a produção literária. Claro que em sua literatura estão presentes muitos aspectos jornalísticos. A objetividade tão perseguida pelos profissionais da imprensa revela-se na produção literária de Sérgio, principalmente na poesia. Os poemas de Sérgio Mattos são sintéticos, criativos e repletos de ritmo. Mesmo resumindo o mundo em poucas palavras consegue dar conta da riqueza emotiva. Consegue dizer muito, escrevendo tão pouco. A poesia surge quando ele era ainda muito jovem. Sérgio acredita que seu talento é natural, já tendo nascido com ele.

O poeta Sérgio Mattos torna pública a sua obra a partir do lançamento de uma revista de poesia chamada Experimental que Sérgio desenvolveu junto com seu amigo e também poeta Ivan Dórea Soares.

Sérgio responde sobre a convivência de suas diversas facetas em entrevista concedida a Iluska Coutinho e publicada na PCLA – Pensamento Nacional Latino-americano – Revista Científica Digital.

Na verdade se trata de uma convivência pacífica e simultânea. Seria difícil separar as facetas pois cada uma é a parte de um todo que se completa, mas cada faceta é trabalhada isoladamente, com dedicação visando um produto finalizado de cada vez. O trabalho é sempre feito com planejamento para que tudo ocorra dentro dos conformes. É claro que quando estou a criar poemas, por exemplo, a faceta musical também esta presente, pois o poema também tem ritmo e musicalidade. O fato de ser pesquisador e jornalista também contribuem para a criação final tanto do poema, como da letra de uma música ou da própria música, pois muitas vezes é necessário se

fazer uma pesquisa sobre determinados assuntos a serem desdobrados ou sintetizados poeticamente. Aliás, a objetividade, a clareza e a simplicidade do texto jornalístico estão presentes em minha poesia, que se propõe a comunicar mensagens da maneira mais objetiva, direta e poética possível, pois se o poema não comunica ao leitor o que ele se propõe ele perde sua força e o seu propósito de existência.

Dono de um perfil muito organizado, Sérgio consegue realizar grande parte dos seus projetos em tempo relativamente curto. A literatura sempre esteve presente em sua vida, ele sempre foi apaixonado por ela, então, sempre arranhou tempo para ler e fazer literatura. Ela conforta sua alma.

Comentários sobre sua poesia são muitos. Feitos por jornalistas, críticos literários e escritores famosos. Sempre muito elogiado pela simplicidade e beleza de sua poesia. Como se consegue atingir o ápice do sentimento humano com tanta simplicidade? A simplicidade sim, ela é o caminho mais seguro para atingir o ser humano, não é necessário tanto requinte para uma boa poesia. Jorge Amado, o baiano que falou da Bahia em seus romances como nenhum outro, comentou sobre a poesia de Sérgio Mattos:

Não sou crítico literário, e se, por vezes, me animo a dar palpites sobre um romance por ser oficial desse ofício, não me animo a comentar poesia. Poesia, leio e gosto ou não gosto, é tudo. No caso da poesia de Sérgio Mattos, leio e releio com um prazer sempre renovado e sempre maior. Gostaria, no entanto, de fazer referência especial ao poema Ideologia, datado de 1991. Você escreveu, com beleza e exatidão, o que eu penso desde há muitos anos (MATTOS, 1996, p. 193).

Sérgio fez poemas sobre o amor, amigo inseparável dos poetas, mas também fez poemas sobre muitas trivialidades da vida cotidiana. Fez poemas sobre ideologias, sobre política, sobre jornalismo. O cotidiano do jornalista foi descrito perfeitamente de forma poética em algumas de suas poesias. Dedicou suas obras-primas à amigos, filhos e pessoas que admirava.

Sérgio vai além da poesia e dos gêneros textuais jornalísticos. Escreveu também contos, crônicas, novelas e romances, Tentou atingir o leitor de todas as formas

possíveis. Sérgio, como escritor de diversos gêneros textuais, propõe ao leitor o papel de co-autor dos seus textos, pois é o leitor que vai ler, refletir e interpretar as palavras do autor Sérgio Mattos. Sérgio procura sempre escolhe muito bem as palavras, para que seus textos tenham conteúdo singular, um conteúdo que contribua para o crescimento do seu leitor.

REFERENCIAS

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. Editora FGV, 2006.

BELO, Eduardo. **Livro Reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

CELESTINO, Samuel. **Políticas, fatos e tendências**. Salvador: Memorial das Letras, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura** – 4ª edição. Barueri, SP: Manole, 2009.

MACIEL, Suely. O estatuto da História Oral e as fronteiras com o Jornalismo: possibilidade metodológica e proposta de um novo fazer. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjourarquivos/coord2_suely_maciel.pdf. Acesso em 26 dez. 2009.

MATTOS, Sérgio. **Abre-te, Cuba!**. Salvador, 2009 a.

MATTOS, Sérgio. **Amadeu, um bandido nordestino**. Salvador: SM, 2008 a.

MATTOS, Sérgio. **As confissões sexuais de Maria Francisca**. São Paulo: Scortecci Editora, 2008 b.

MATTOS, Sérgio. **A mídia nas páginas dos jornais**. Salvador: Contexto & Arte, 2009 b.

MATTOS, Sérgio. **A televisão e as políticas regionais de comunicação**. São Paulo: INTERCOM, 1997.

MATTOS, Sérgio. **A televisão na era da globalização**. São Paulo: INTERCOM/GT de TV, 1999.

MATTOS, Sérgio. **A Televisão no Brasil: 50 anos de história (1950-2000)**. 1. Ed. Salvador: Editora PAS/Edições IANAMÁ, 2000.

MATTOS, Sérgio. **Estandarte**. 3. Ed. São Paulo: Editora GRD, 1996.

MATTOS, Sérgio. **Imparcialidade é mito**. Salvador: Unibahia Editora, 2001.

MATTOS, Sérgio. **Memória da Imprensa Contemporânea da Bahia**. Salvador: IGHB, 2008 c.

MATTOS, Sérgio. **Os funerais de dona Camila**. Salvador: SM, 2008 d.

MATTOS, Sérgio. **Trilha poética**. São Paulo: Editora GRD, 1998.

PENA, Felipe. Subjetividade midiática: tempo e memória no discurso das biografias contemporâneas. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?pid=S01035665200700010000&script=sci_arttext&Ting= . Acesso em 02 jan.2010.

PEREIRA, Lindjane dos Santos. A biografia no âmbito do jornalismo literário. Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/pereira-lindjane-jornalismo-literario.pdf>. Acesso em 26 dez. 2009.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. Disponível em: http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/imagens/storis/sumario_historia/vol10n8/15historian10vol18_artigo09.pdf Acesso em 18 dez. 2009.

SOARES, Ivan Dorea Cancio. ***Caminhando pelo tempo (Comentário histórico-literário sobre a obra de Sérgio Mattos)***. São Paulo: Edições GRD, 2009.

VELAS BOAS, Sérgio. ***Biografia e biógrafos: jornalismo sobre personagens***. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. ***Perfis: como escrevê-los***. São Paulo: Summus, 2003.

WOLF, Tom. ***Radical Chique e o Novo Jornalismo***/ Tom Wolf; tradução José Rubens Siqueira; posfácio Joaquim Ferreira dos Santos. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Sites Consultados

INTERCOM. Disponível em: www.intercom.org.br . Acesso em maio de 2010.

GUTEMBERG. Disponível em: <blogdogutemberg.blogspot.com> Acesso em Abril de 2010.

POSTAL MEC. Disponível em : www.mec.gov.br . Acesso em junho de 2010.

SERGIO MATTOS. Disponível em : www.sergiomattos.com.br . Acesso em abril de 2010.

PORTA UFRB. Disponível em: www.ufrb.edu.br . Acesso em Junho de 2010.

Sobre a Autora

Jamile Castro Teixeira, filha de Carlos Roberto da Silva Teixeira e Eudes de Castro Teixeira, nasceu na cidade de Salvador, Bahia. Estudante de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do recôncavo da Bahia, é também pesquisadora e escritora.

A ideia de ser jornalista surge quando ainda fazia o ensino médio. Naquele período, ainda conhecia muito pouco sobre o que era o Jornalismo.

A academia lhe proporcionou muito aprendizado sobre a Ciência da Comunicação. A Prática lhe ofereceu vivenciar a profissão. O jornalismo lhe trouxe conhecimento social, histórico, cultural e humano. A leitura tornou-se um vício e a escrita também. A criatividade e a prática se aliaram para a produção de textos diversos do gênero jornalístico.

Os valores éticos estarão sempre presentes na sua rotina de trabalho e em vista disso, o comprometimento social estará garantido.